

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**JAVIER AUGUSTO ABI-SAAB ARRIECHE:**

**DISCURSOS TELEVISADOS E TENTATIVAS DE GOLPE DE ESTADO:**  
**O PAPEL DA MÍDIA NA POLÍTICA VENEZUELANA RECENTE (1992 e 2002)**

Javier Abi-Saab

**Rio de Janeiro**

**2011**

Javier Augusto Abi-Saab Arrieché

**DISCURSOS TELEVISADOS E TENTATIVAS DE GOLPE DE ESTADO:** o papel da  
mídia na política venezuelana recente (1992 e 2002).

Monografia submetida à Escola de  
Comunicação da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de bacharel em  
Comunicação Social, habilitação em  
Radialismo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Oneto

Rio de Janeiro

2011

A148    Abi-Saab, Javier Augusto Arrieche  
          Discursos televisados e golpes de estado / Javier Augusto Arrieche  
          Abi-Saab. Rio de Janeiro, 2011.  
          260 f.: il.

          Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação  
Radialismo, 2011.

          Orientador: Prof.º Paulo Oneto.

          1. Discursos - Programa de TV. 2. Poder político I. Oneto, Paulo. II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III.  
Título.

CDD: 302.22

Javier Augusto Abi-Saab Arrieche

**DISCURSOS TELEVISADOS E TENTATIVAS DE GOLPE DE ESTADO:** o papel da  
mídia na política venezuelana recente (1992 e 2002).

Monografia submetida à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação  
Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2011

---

Prof. Dr. Paulo Oneto, ECO/UFRJ

---

Prof. Dr. Márcio Tavares D'amaral, ECO/UFRJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Beatriz Becker, ECO/UFRJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

## Agradecimentos

Agradeço ao tempo ou à entidade que o controla, por me permitir passar por tanto e me converter nisto que sou agora, mesmo que por pouco.

À minha mãe María Milagros, por ser feliz e saber transmitir o bem e a felicidade àqueles que ama.

Ao meu pai Salim, quem, à falta de título universitário, sente meu sucesso como seu. E é.

À Nana, pela sua enorme ajuda neste trabalho, e por ser sempre minha principal referência e ponto de apóio.

À Rosi, pela indescritível alegria que sinto por tê-la como amiga.

A ustedes cuatro. Mi hogar. Mis más grandes maestros y eternos amores. Siempre en frente, enseñándome el camino. Siempre a mi lado, impulsándome a seguir el mío. Gracias.

Ao meu orientador Paulo Oneto, pelas grandes aulas das sextas à noite, e pela motivação e os acertados conselhos para este trabalho.

À minha Venezuela. Pátria de pessoas alegres e *echaa's pa' lante*, onde sempre estarão minhas raízes e pensamentos.

À minha família e amigos que lá se encontram. Por serem símbolo de luta e amor aos seus. Especialmente às minhas avós Ching e Rosa, “doblemente amadas por ser doblemente madres.”

Ao meu amigo Jesús Barrios, o mais próximo de um irmão que jamais tive.

Ao Gabriel, Luana, Marília, Ciro, Diego, Lou, Jeff, Bárbara, Bigatinha, Pedroca e demais grandes amigos e companheiros que estiveram comigo desde o início na ECO-UFRJ, por fazerem da faculdade meu segundo lar e uma das experiências mais enriquecedoras e felizes da minha vida.

A todas aquelas pessoas que, ao longo da minha vida, têm-me acrescentado, ensinado e fortalecido tanto, e que, por um motivo ou outro, não estão aqui citadas nominalmente, mas que ocupam sempre um espaço especial nas minhas recordações e sentimentos. Vocês sabem quem são.

A todos, meu mais sincero Obrigado.

## RESUMO

ABI-SAAB, Javier. Discursos televisados e golpes de Estado: o papel da mídia na política venezuelana recente (1992-2002). Monografia (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

Análise da relação entre mídia e poder político a partir do estudo de caso dos discursos televisados transmitidos ao vivo durante os golpes de Estado de 4 de fevereiro de 1992 e os dias 11, 12 e 13 de abril de 2002 na Venezuela. Apresenta-se o contexto político, histórico, social e de comunicação em que estão inseridos os discursos e, a partir desses contextos, analisam-se as características internas e externas aos discursos que determinaram sua importância política e histórica. A partir do estudo de caso, também são analisados os poderes e limitações da linguagem televisiva e as formas em que se dá a relação entre meios de comunicação e poder político na Venezuela em cada um dos momentos. Finalmente, apresenta-se uma análise comparativa que aponta semelhanças e diferenças de ambos os momentos e mostra a evolução da relação entre mídia e política na Venezuela.

## ABSTRACT

ABI-SAAB, Javier. Discursos televisados e golpes de Estado: o papel da mídia na política venezuelana recente (1992-2002). Monografia (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

Analysis of the relationship between media and political power from the study of the cases of televised speeches broadcast live during the coups d'état of February 4, 1992 and April 11, 12 and 13, 2002, in Venezuela. The text presents the political, historical, social and communicational context in which the speeches are involved, and how their internal and external characteristics determined their political and historical importance. The study of the cases also gives way to the analysis of the powers and limitations of television language and the relationship between media and political power in Venezuela in each moment. Finally, the text presents a comparative analysis that points out similarities and differences in both moments and evinces the evolution of the relationship between media and political power in Venezuela.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>9</b>  |
| <b>2. MÍDIA E PODER</b> .....   | <b>12</b> |
| <b>2.1 Discurso e poder</b> .....   | <b>13</b> |
| <b>2.2 Características específicas da linguagem televisiva</b> .....          | <b>15</b> |
| <b>2.3 O caso da América Latina</b> .....                                     | <b>18</b> |
| <b>3. BREVE HISTÓRIA DA VENEZUELA CONTEMPORÂNEA (1958-2002)</b> .....         | <b>22</b> |
| <b>3.1 A televisão na Venezuela</b> .....                                     | <b>24</b> |
| <b>3.2 Televisão e política na Venezuela</b> .....                            | <b>26</b> |
| <b>4.1 Discurso do Presidente Carlos Andrés Perez</b> .....                   | <b>28</b> |
| 4.1.1 O presidente na Venevisión .....  | 29        |
| 4.1.2 O peso da impopularidade.....   | 31        |
| <b>4.2 Discurso do Tenente Coronel Hugo Chávez</b> .....                      | <b>32</b> |
| 4.2.1 Uma recepção inesperada.....  | 33        |
| 4.2.2 A construção biográfica .....   | 34        |
| <b>5. 2002</b> .....  | <b>40</b> |
| <b>5.1 Discurso do Presidente Hugo Chávez (divisão das telas).</b> .....      | <b>41</b> |
| 5.1.1 A batalha da informação. ....   | 42        |
| 5.1.2 A Linguagem “Ao Vivo” .....   | 43        |
| <b>5.2 Discurso do Inspetor e Chefe das FAN, General Lucas Rincón.</b> .....  | <b>44</b> |
| <b>5.3 Discurso do Presidente <i>in facto</i> Pedro Carmona Estanga</b> ..... | <b>47</b> |
| <b>5.4 Consequências políticas</b> .....                                      | <b>50</b> |
| <b>6. CONCLUSÕES</b> .....  | <b>52</b> |
| <b>6.2 Sobre as mudanças na relação entre mídia e política.</b> .....         | <b>54</b> |
| <b>7. REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>59</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho é apresentada uma abordagem histórico-conceitual sobre as formas de ação política televisiva a partir do estudo de caso de duas tentativas de golpe de Estado na Venezuela. O objetivo é analisar os contextos de discursos proferidos por protagonistas dos dois episódios, transmitidos ao vivo pelas principais emissoras de televisão venezuelana. Tenta-se identificar, a partir desses discursos, algumas características que exemplifiquem a forma como se dá a relação entre mídia e poder político na Venezuela.

Os efeitos da convivência dos meios de comunicação de massa com os poderes políticos vem sendo estudados de forma consistente pelos teóricos da comunicação, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, quando se tornam evidentes os perigos de uma sociedade baseada na comunicação e na cultura de massa. Conceitualmente, o foco deste trabalho é o potencial político dos discursos televisivos e as considerações de Fernando Ruiz feitas no texto “Fronteras Móviles: caos y control en la relación entre medios y políticos na América Latina”. Ruiz, através de uma análise histórico-conceitual, descreve as principais características do convívio mídia-política na América Latina. Posteriormente, ele propõe indicadores para medir os efeitos democráticos ou antidemocráticos consequentes desse convívio nos países da região.

Neste trabalho, parte-se desse referencial teórico e da premissa de que, em situações de golpe de Estado, existe um alto grau de dependência informativa em relação ao meio televisivo, característica que eleva exponencialmente a influência dessa mídia no curso dos acontecimentos históricos. Os golpes de Estado representam um modelo de crise política “repentina”, em que a sociedade paralisa seu funcionamento normal e as instituições correm o risco de mudar drasticamente. Frente a essa situação caótica e inesperada, a sociedade busca compreender os eventos para poder determinar sua postura. É quase exclusivamente na televisão que a maioria das pessoas encontra informação e dá sentido ao que acontece. Por este motivo, o domínio dos discursos televisivos se mostra vital para os agentes em disputa do poder: o governo nacional e os golpistas. Nessa posição crítica e estratégica do meio televisivo, evidencia-se sua função política e sua enorme responsabilidade frente à sociedade e à história.

A partir desse raciocínio, propõe-se o seguinte problema: qual é exatamente a importância política dos discursos televisionados em situações de golpe de Estado e como

estes discursos traduzem a relação entre os meios de comunicação e o poder político no caso da Venezuela? Considera-se que, pelas características lingüísticas e sociais inerentes ao meio televisivo, a intervenção histórica e política deve acontecer de forma direta e inevitável. No entanto, os níveis desta intervenção podem variar de caso para caso, dependendo das relações existentes entre os meios de comunicação e o poder político local. Acredita-se também que por meio da contextualização dos discursos e de suas consequências políticas e históricas, é possível um melhor entendimento da relação entre meios de comunicação e poder político assim como os efeitos dessa relação na constituição democrática venezuelana.

Para confirmar ou negar essa hipótese, serão utilizadas as considerações teóricas sobre mídia e poder de Fernando Ruiz acima mencionadas, ao lado de um estudo dos contextos de seis discursos televisados (três correspondentes 1992 e três a 2002), transmitidos ao vivo durante as tentativas de golpe de Estado. É importante ressaltar que, para o estudo de casos, sempre que se falar no termo “discurso”, não se faz referência, exclusivamente, ao conjunto de enunciados que um orador profere em determinado momento; mas a estes enunciados e ao seu respectivo contexto histórico, considerando suas intenções, formas e recepções. Todos os discursos aqui estudados formam parte de um conhecimento público da população venezuelana que vivenciou os acontecimentos, e são considerados documentos relevantes para a história política do país.

O estudo de casos tomará em consideração as análises apresentadas por Lene Hansen no seu livro *Security as practice*, que valorizam o aprofundamento na contextualização do momento histórico-político e a constante atenção à intertextualidade dos discursos como elementos fundamentais no processo de formação de identidades nacionais. Assim, o estudo ressaltará: elementos da linguagem verbal e não verbal dos discursos; as situações estratégicas que evidenciem o poder político dos discursos; a recepção e os efeitos históricos dos discursos.

Ao longo do estudo, busca-se entrelaçar os casos e a teoria para identificar se os discursos corroboram ou se contrapõem aos conceitos teóricos. Também se procurará: identificar poderes e limitações da linguagem televisiva; determinar as condições em que um discurso está carregado de poder catalisador, e; analisar o papel da ideologia na construção de narrativas. Assim, os discursos permitem que se faça um aprofundamento histórico dos eventos de 1992 e 2002, dando especial importância à atuação da televisão e aos efeitos estratégicos e sociais consequentes de cada declaração.

São três as linhas temáticas bibliográficas utilizadas para o referencial teórico do presente trabalho. A primeira estuda de forma abrangente as relações entre mídia e poder político, as características gerais dos discursos e as características lingüísticas da televisão. Ela está constituída pelas definições e considerações da analista internacional Lene Hansen, em *Security as Practice*, sobre os discursos e suas formas de abordagem, bem como pelo estudo da linguagem telejornalística realizado pela teórica da comunicação Beatriz Becker no livro *A linguagem do telejornal*. A segunda linha está baseada nas considerações de Fernando Ruiz sobre a relação mídia e política na América Latina, e nos efeitos desta relação. Estas duas linhas teóricas constituem o Capítulo 2, intitulado Mídia e Poder.

A terceira das linhas bibliográficas é de caráter histórico; dela são extraídos os principais fatos e informações relevantes sobre a trajetória democrática venezuelana e a história dos meios de comunicação no país. Esses conteúdos conformam o Capítulo 3. Também dessa linha são extraídos os respectivos contextos sociais, políticos e comunicacionais das tentativas de golpe de Estado de fevereiro de 1992 e abril de 2002. Muitas das informações que são apresentadas só se tornaram de conhecimento público muito depois de cada um dos golpes acontecer e outras ainda são desconhecidas pela maioria da população. São utilizadas diferentes fontes bibliográficas, com diferentes posições políticas e ideológicas, a fim de que os principais discursos estejam representados e se possa ter um panorama geral das diferentes percepções sobre os acontecimentos.

Dentro desta última linha também estão presentes os próprios discursos televisados. Os estudos de caso dos contextos e dos discursos mais relevantes de 4 de fevereiro de 1992 e dos dias 11, 12 e 13 de abril de 2002 são apresentados, respectivamente, nos capítulos 4 e 5.

Por último, no capítulo 6, são apresentadas as conclusões e as considerações finais do trabalho.

## 2. MÍDIA E PODER

A relação entre mídia e poder político é um assunto longamente discutido pelos estudiosos da comunicação e se caracteriza por ser um tópico de interesse cada vez mais global e contemporâneo. A comunicação de massa, segundo Omar Rincón, devido à sua grande capacidade de sedução pública e pelo seu valor estratégico no setor econômico, tecnológico e político, sempre despertou grandes paixões em todos os tipos de poder.<sup>1</sup>

O senso comum acerca do poder político considera que ter os meios de comunicação do lado do governo é um elemento indispensável para a governabilidade para uma maior popularidade. Por isso, segundo Rincón, cada vez mais fazer política significa governar com os meios a favor.

Alguns autores como Ana Paula Goulart explicam esta situação se deve a que os meios de comunicação conseguiram se constituir como a principal fonte de informações e “verdades” do mundo contemporâneo. Para Goulart, a história exercia este papel fundamental durante a Idade média a moderna e assim se legitimava como o principal discurso sintetizador das ações e das transformações da realidade social. Hoje em dia, porém,

A história foi perdendo o papel central na construção da memória com a inserção das tecnologias de comunicação no tecido das sociedades industriais. Hoje, cada vez mais, são os meios de comunicação o lócus principal em que se realiza o trabalho sobre as representações sociais. A mídia é o principal lugar de memória e/ou de história das sociedades contemporâneas.<sup>2</sup>

Os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade.<sup>3</sup>

A concessão de produção de verdades outorgada pela sociedade aos meios de comunicação, especialmente ao jornalismo, os converte em portadores de um enorme potencial de alterar ou modificar o fluxo de processos sociais que constituem a sociedade, consequentemente os converte em importantes instituições políticas.

O fato jornalístico passa a assemelhar o fato histórico tal como este havia sido definido pela historiografia positivista. Localizado em um tempo e em um espaço

---

<sup>1</sup> RINCÓN, Omar. “*Por que nos odian tanto?*”. Centro de Competencia en Comunicación para América Latina. Bogotá, 2010.

<sup>2</sup> GOULART, Ana Paula. “*A mídia e o lugar da história*”. em: *Mídia, memória e celebridades*. Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2005.p.114

<sup>3</sup> *Ibid*, p.115

determinados, o fato é marcado pela unicidade. O acontecimento único revela-se então, como o fator da transformação social.<sup>4</sup>

A relação tende a se complicar, pois, por ser um registro da realidade, os meios têm a capacidade de reforçar ou transformar os poder que constituem a sociedade e, como afirma Goulart, “nenhum registro é ingênuo ou descomprometido. Nenhum registro apenas registra. Todo ele pressupõe o trabalho da linguagem, pressupõe uma tomada de posição dos sujeitos sociais; possui, assim, um mecanismo ideológico próprio”<sup>5</sup>

## 2.1 Discurso e poder

Os discursos são mais que meros representantes de uma narrativa, mas parte integrante e influente de uma cronologia histórica. Além de serem essenciais para compreender as motivações e acontecimentos sociais, eles mesmos estão carregados de motivações e interesses. É por este motivo que a análise de discurso se apresenta como uma necessidade para o estudo histórico. Jairo Camilo na sua publicação “O jornal e a prisão” analisa as considerações de Michel Foucault sobre os discursos, afirmando que:

A discursividade tem uma espessura histórica, e analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas. Assim, se quisermos buscar as articulações entre a materialidade e a historicidade dos enunciados jornalísticos, em vez de fundadores, devemos buscar efeitos discursivos.<sup>6</sup>

Segundo Camilo, desta forma Foucault justifica a necessidade da análise discursiva. O autor complementa: “Foucault analisa as práticas discursivas para demonstrar que é o ‘dizer’ que fabrica as noções, os conceitos, os temas de um momento histórico. A análise dessas práticas mostra que a relação entre o dizer e a produção de uma ‘verdade’ é um fato histórico”<sup>7</sup>. Para Foucault, o acontecimento e a fala se complementam; um perde a força sem o outro.<sup>8</sup> Toda linguagem traz consigo o poder de modificar e/ou dar origem a novas formas de percepção sobre o real.

As definições e considerações teóricas sobre o discurso expressas por Foucault em *Arqueologia do saber*<sup>9</sup> são resumidas por Camilo em cinco pontos:

---

<sup>4</sup> GOULART, Ana Paula. Op. Cit. p.117

<sup>5</sup> Ibid. p.120

<sup>6</sup> CAMILO, Jairo. “O jornal e a prisão”. disponível em:

[http://www.facasper.com.br/rep\\_arquivos/2010/02/01/1265051220.pdf](http://www.facasper.com.br/rep_arquivos/2010/02/01/1265051220.pdf) acessado em: 20/11/2011

<sup>7</sup> Ibid, p.28

<sup>8</sup> GAUDARETO, Fernando; MAPA, Ramon. “Foucault, o Método Histórico-Filosófico de Pesquisa”. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010. Universidade Federal de Goiás. Em:

[http://extras.ufg.br/uploads/114/original\\_ARTIGO\\_LAMAS\\_E\\_SILVA.pdf](http://extras.ufg.br/uploads/114/original_ARTIGO_LAMAS_E_SILVA.pdf) acessado em: 12/09/2011

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. “La arqueologia del saber”. 18va Edición. Siglo XXI. Méjico. 1997.

- 1) o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas;
- 2) os dizeres e fazeres se inserem em “formações discursivas”, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação;
- 3) o discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual se constituem os saberes de um momento histórico;
- 4) o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente); e
- 5) a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em certo momento histórico.<sup>10</sup>

Estas considerações permitem elucidar uma concepção foucaultiana dos discursos fortemente vinculada a uma função histórica e política, revelando também parte das forças internas e externas que os motivam e/ou modificam. Estas premissas se encontram em concordância com o estudo sobre os discursos da analista internacional Lene Hansen presentes em *Security as Practice*. Hansen mostra que a linguagem é uma prática “não neutra, social e política uma vez que dá espaço para a produção e reprodução de certas subjetividades e identidades, enquanto outras são excluídas”.<sup>11</sup> A autora estuda o processo de formação de identidades dentro dos discursos e considera que estas são “sempre construídas através de processos de diferenciação e afinidade”<sup>12</sup>, e é neste processo que se encontra o potencial político dos discursos.

Hansen define dois importantes processos que devem ser realizados para uma apropriada aproximação aos discursos: a construção de uma contextualização e a percepção da intertextualidade entre os discursos. Para a autora, a análise do contexto é uma preocupação que deve transbordar todo o estudo; “o ambiente em que se insere o discurso é definitivamente importante”<sup>13</sup>. A análise de discurso deve envolver uma pesquisa sobre a construção de identidades e formação de políticas dentro de um determinado debate. Sobre a intertextualidade, Hansen observa que todos os textos, implícita ou explicitamente, fazem referência a textos anteriores. “O sentido de um texto nunca é totalmente dado de forma independente pelo próprio texto; é sempre produto de outras leituras e interpretações”<sup>14</sup>. Por este motivo, a autora elabora um modelo de análise de discurso baseado na intertextualidade em que leva em consideração a autoridade do enunciador, o momento histórico em que se insere o discurso e as mediações pelas quais passou.

---

<sup>10</sup> CAMILO, Jairo. Op.cit. pag. 21

<sup>11</sup> HANSEN, Lene. “*Security as practice: discourse analysis and the bosnian war*”. Nova York: Routledge, 2006. p.20. Tradução do autor.

<sup>12</sup> Ibid, p.23

<sup>13</sup> Ibid, p.36

<sup>14</sup> Ibid p. 55

## 2.2 Características específicas da linguagem televisiva

A imagem, como elemento simbólico não codificado, meio revela e meio esconde. Através dela muita coisa é comunicada de forma meio despercebida. Mas talvez essa seja uma das causas da fascinação que exerce.<sup>15</sup>

O caso do discurso televisivo requer levar em consideração as características específicas do meio. Beatriz Becker em “A linguagem do telejornalismo” afirma que entender o discurso televisivo ou audiovisual implica na percepção do texto como um conjunto de enunciações verbais e não-verbais: a imagem, os gestos, os movimentos corporais e a voz, com suas diferentes entonações.

Há sentidos abstratos que podem ser produzidos através dos enunciados não verbais, que interferem na enunciação. Além da postura e da gestualidade do locutor, o ritmo, os traços melódicos, a entonação ou a intensidade da pronúncia. Eles são construídos de maneira sutil e nem sempre são interpretados como se deseja pela recepção. Um sorriso, um gesto gentil, um olhar simples podem atrair a simpatia do público para determinado entrevistado ou personagem.<sup>16</sup>

Mas, segundo Becker, a simpatia só passará para o espectador se este tiver uma predisposição emocional ou ideológica para isto. A autora enfatiza a impossibilidade de controlar o sentido final, pois este será produzido pelo espectador: “Apesar do nosso mundo ser povoado por imagens de todo gênero, é difícil definir sua significação. “Ao contrário da linguagem verbal, as imagens não podem ser classificadas num dicionário.”<sup>17</sup> E ainda:

Ao contrário dos discursos, que se desenrolam ao longo de uma linha temporal, as imagens se constituem através do olhar num determinado espaço de representação visual, não seguem, por isso, uma linha de orientação obrigatória, e permitem uma multiplicidade de pontos de vista, em função de escolhas singulares.<sup>18</sup>

O filósofo francês Merleau Ponty, nas suas análises sobre a percepção humana, afirma que a imagem apresenta um potencial de acesso a níveis internos de consciência muito maior do que em geral lhe tem sido atribuído. O autor considera a percepção como uma forma de pensamento. Os dados captados pelos sentidos são elaborados em confrontos com dados já registrados por nossas percepções anteriores. Trata-se de uma atividade criativa. Dessa forma: “A percepção é um juízo, mas que ignora suas razões, o que significa dizer que o

---

<sup>15</sup> VRIES, Roberto. Disponível em: [http://www.robertodevries.com/?accion=ver\\_categorias&cat\\_id=40](http://www.robertodevries.com/?accion=ver_categorias&cat_id=40).

Acessado em: 22/09/2011

<sup>16</sup> BECKER, Beatriz, “A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Brasil”. E-papaer. Rio de Janeiro. 2005. p.64

<sup>17</sup> Ibid, p. 65

<sup>18</sup> Ibid, p. 66

objeto percebido se dá como todo e como unidade antes que nós tenhamos apreendido a sua lei inteligível”.<sup>19</sup> Jesús Barbero em “De los medios a las mediaciones”, acrescenta:

O meio televisivo conta, para acentuar o poder de influência da imagem, com a simulação de contato e da retórica do direto, em função da proximidade e da magia de ver, o que permite a sensação do imediato e a imersão no cotidiano da família, como que adentrando o espaço em que os indivíduos interagem como pessoas e se encontram com suas emoções mais íntimas.<sup>20</sup>

A imagem, segundo Becker, ajuda ao telejornalismo a conquistar o status de real, porque mostra uma realidade não questionável; não criada ou inventada, como na ficção, mas constatável. A autora considera que a narrativa televisiva, como toda narrativa, implica em escolhas e representações, portanto, apesar dos textos provocarem efeitos de realidade, principalmente porque os personagens são reais, agem e falam nas ruas e instituições sociais, os noticiários são simulações e através de seus dispositivos audiovisuais se constituem nos principais espetáculos da atualidade.<sup>21</sup>

Outro elemento apontado por Becker como marcante da linguagem telejornalística é a forma que se relaciona com o tempo. A autora considera que a edição do telejornal trabalha com o tempo de forma *sui-generis*: “quase não há passado nem futuros, mas uma sequência de presentes”.<sup>22</sup> Em conformidade com isto, Marialva Barbosa, em “Meios de comunicação, memória e tempo”, sugere que o telejornalismo leva o espectador à experiência de viver a atualidade e a história de uma forma que nenhum outro canal comunicativo possibilita hoje em dia.

“O homem do mundo contemporâneo quer adquirir uma bagagem cultural tão rapidamente como consome um almoço no fast-food. E a mídia força essa aceleração, na medida em que, para conquistar o público, é necessário informar cada vez mais, em tempo real, isto é, no instante mesmo em que se realiza o fato jornalístico.”<sup>23</sup>

Este fenômeno, segundo Barbosa, está relacionado a uma nova forma de concepção e de relação com o tempo possível graças à simultaneidade inerente ao sinal ao vivo.

O jornalismo, e particularmente o telejornalismo, se situa numa tensão permanente entre o mundo e o tempo. Se até bem pouco o objetivo dos meios de comunicação consistia em informar o mais rapidamente possível, hoje, os meios técnicos de captação e transmissão possibilitam que o acontecimento seja midiaticizado

---

<sup>19</sup> MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1994. (Texto original publicado em 1945)

<sup>20</sup> BARBERO, Jesús. “De los medios a las mediaciones”. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. 1987, p.58

<sup>21</sup> BECKER, Beatriz. Op. cit. p.18

<sup>22</sup> Ibid, p 62

<sup>23</sup> BARBOSA, Marialva. “Meios de comunicação, memória e tempo: a construção da ‘redescoberta’ do Brasil”. Em: Mídia, memória e celebridades. Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2005, p.132



enquanto se desenrola. Essa aceleração do tempo midiaticizado, utilizando-se da simultaneidade, é acompanhada pelos efeitos da virtualidade e da interatividade. O real pode ser, pela ação do indivíduo, mesmo à distância, objeto de mudança, o que dá ao presente uma visão de transitoriedade absoluta. O presente não mais emerge do tempo, mas é construído na interatividade virtual; passa a ser, sobretudo, o fato no momento de sua transformação em acontecimento, dando ao espectador a impressão de estar diante da realidade e da vida, e permitindo-lhe ter a sensação de participar mais intensamente, ao lado de um vasto auditório, da constituição do próprio acontecimento.<sup>24</sup>

Outro aspecto que segundo Barbosa cria enorme interesse pelas chamadas transmissões em tempo real é a imprevisibilidade. Aquilo que acontece está sendo escrito no momento mesmo da transmissão, o que pode significar surpresas. Toda narrativa tendem a ganhar emoção quando seu desenlace é desconhecido; a televisão se aproveita disto e prende a audiência mostrando os acontecimentos no instante mesmo de seu desenvolvimento. “Os meios de comunicação transformam-se não apenas em arquivos para o futuro, mas em arquivos permanentes do presente. A narrativa que produzem não é mais a mescla de ficcional com o informacional; é a narrativa histórica do imediato.”<sup>25</sup>

Becker aponta que as transmissões ao vivo tornam mais tênue a fronteira entre o acontecimento e a narrativa, pois os fatos se produzem ao mesmo tempo do seu enunciamento verbal. Porém, considera este tipo de transmissão uma tentativa dos telejornais em mostrar a sua suposta transparência<sup>26</sup>. Na concepção de Becker, ainda existe um senso comum que apresenta o telejornalismo como um meio transparente e objetivo e isto se reflete na sua linguagem.

A objetividade é o principal instrumento da dissimulação da construção de sentidos nos discursos jornalísticos [...] O mecanismo que melhor exemplifica esse esforço é a tentativa de aproximação desses discursos ao científico, através do uso predominante da terceira pessoa, tentando deixar clara uma separação entre o pesquisador e o material observado.<sup>27</sup>

Este tipo de mecanismo, bem como a construção de uma temporalidade “real” e o aproveitamento do status “verdadeiro” da imagem, “funcionam como garantia de verdade e imparcialidade, conferindo ao discurso jornalístico a credibilidade necessária para manter sua posição privilegiada de lugar de enunciação dos acontecimentos do mundo”.<sup>28</sup> E, como já vimos com Goulart, é nisto que reside o poder do discurso jornalístico.

---

<sup>24</sup> BARBOSA, Marialva. Op. cit. p.133

<sup>25</sup> Ibid, p.134

<sup>26</sup> BECKER, Beatriz. Op.cit. p.67

<sup>27</sup> Ibid. p.46

<sup>28</sup> Ibid, p.47

Becker, porém, não hesita em apontar a não passividade do receptor: “o sentido da notícia é reelaborado pelo receptor, sua interpretação é limitada num contexto de leituras possíveis, mas não predeterminadas”.

### 2.3 O caso da América Latina

Fernando Ruiz inicia sua análise sobre a relação entre os meios de comunicação e o poder político na América Latina propondo entender os meios como entidades com três dimensões concomitantes; eles são ao mesmo tempo: uma organização (comercial, social ou estatal), uma comunidade profissional e um ator político. “Estas três dimensões compõem uma mistura única de pressões, ideais e interesses, que em cada meio de comunicação concreto se combinam de diferentes formas”.<sup>29</sup> Ruiz considera a centralidade política dos meios de comunicação um tema constante e nada recente na constituição democrática, da mesma forma em que o conflito entre meios e instituições políticas é um dos rasgos mais comuns da difícil construção democrática da América Latina<sup>30</sup>. O autor sintetiza, em dois aspectos, as formas em que o sistema midiático se constitui como um dos poderes centrais nas democracias do subcontinente e do mundo:

(1) Os meios são instituições políticas: O jornalismo é uma instituição composta por um conjunto de meios que compartilham padrões de conduta, rotinas, procedimentos informais, e controlam uma área social e política, que os leva a ser, em sociedades abertas, decisivos para organizar a esfera pública. Todo ator, instituição, organização ou indivíduo que quiser transitar pela esfera pública, é obrigado a interagir com o jornalismo em uma relação, nunca estável, de interdependência flutuante.<sup>31</sup>

(2) Os meios de comunicação são formas de representação política: Na política, para ter legitimidade, se deve *comunicar* a representação. Isto implica que a mídia está, desde a sua origem, no centro da atividade política. Porém, os meios não são apenas um mecanismo usado para alcançar uma representação de terceiros, mas também potencialmente para se representarem a si mesmos.<sup>32</sup>

Ruiz defende que, nos governos democráticos, a representação política não tem sido nunca monopólio dos poderes eleitos, nem as eleições tem esgotado as formas de representação. “Legisladores, partidos e presidentes são o núcleo central da representação democrática, mas também é condição democrática que eles não tenham esse monopólio”.

---

<sup>29</sup> RUIZ, Fernando. “*Fronteras Móviles: caos y control en la relación entre medios y políticos en América Latina*”. em: “*Poder Político e Medios de Comunicación*”. Sojj.B. SIGLO XXI EDITORA IBEROAMERICANA S.A. Buenos Aires, 2010. p.18. Tradução do autor.

<sup>30</sup> Ibid, p.20

<sup>31</sup> Ibid, p.23

<sup>32</sup> Ibid, p.27

A representação política da mídia não é formalizada, como a de um legislador ou um presidente eleito popularmente, mas não é menos real. De fato, um cidadão ou mesmo um setor social pode ser melhor representado por uma mídia que por um representante em quem formalmente votou. A mídia pode ser tão eficaz quanto o parlamento para promover a discussão dos assuntos públicos, e tão eficaz quanto os partidos para promover candidatos ou uma agenda determinada. Parlamentos e partidos foram transformando a sua relação com a mídia para facilitar essa comunicação vital que a representação exige. Desde aqueles dias em que os jornalistas foram proibidos de entrar no parlamento, até agora, onde os legisladores só são permitidos em estúdios de televisão se puderem expressar suas idéias em menos de trinta segundos.<sup>33</sup>

Desde este ponto de vista, a política, concebida exclusivamente como a atividade dos governantes, se vê afetada pela presença dos meios. Em troca, comparada com outras regiões, a história política e econômica latino-americana tem limitado o desenvolvimento dos meios de comunicação como instrumento democrático. As relações entre meios e Estado na América Latina são complexas, ambíguas e contraditórias, pois, quase sempre é uma relação entre meios e governos. Há poucas políticas de Estado; cada governo acomoda as leis para assegurar seu sucesso. Ruiz aponta dois condicionantes históricos decisivos desta situação: 1) a lenta e instável construção da democracia e; 2) as deficiências administrativas dos Estados.<sup>34</sup>

A dificuldade de consolidar a democracia limitou o desenvolvimento do sistema de meios e suas práticas. Ruiz afirma que o desenvolvimento dos meios é, em toda época e lugar, dependente da qualidade do sistema político. No caso latino-americano, a contínua interrupção do regime democrático significou também a interrupção do desenvolvimento do jornalismo. “A longa família de regimes autoritários, que dominou a região, desenvolveu inumeráveis métodos de controle, fiscalização, repressão e degradação dos meios de comunicação e da profissão jornalística.”<sup>35</sup>

As principais consequências que, segundo Ruiz, provocaram as deficiências administrativas sobre o sistema de meios são:

(a) Falta de garantia dos direitos básicos: A baixa capacidade estatal de oferecer segurança e garantias cidadãs afeta o trabalho do jornalista. Os Estados não só não garantem a segurança como são responsáveis por um grande número de agressões.

(b) Inapropriada regulação do sistema midiático: Os Estados não regulam em forma eficaz e transparente o sistema de meios.

---

<sup>33</sup> RUIZ, Fernando, Op.cit, p.39

<sup>34</sup> Ibid, p.40

<sup>35</sup> Ibid, p.41

(c) Má gestão de meios: Com poucas exceções, os Estados da região gerenciam de forma deficiente os meios de comunicação de propriedade estatal, da mesma forma que têm dificuldade para gerenciar outras atividades do aparelho estatal. As emissoras, rádios e jornais, dirigidos por funcionários estatais, normalmente reproduzem as perversões próprias de uma gestão estatal dominada por interesses particulares ou por políticos e funcionários sectários.

Apesar destes condicionantes, a percepção dominante atual é que a influência dos meios na política vem se desbordando, superando os poderes de parlamentos, tribunais, partidos políticos e inclusive, governos popularmente eleitos. Para Omar Rincón, “nunca como hoje, a comunicação foi tão importante, nem foi notícia de primeira página. Assistimos a uns governos fascinados pela lógica dos meios e a uns meios de comunicação que não querem perder privilégios e o domínio da opinião pública”.<sup>36</sup>

O que caracteriza a América Latina nessa percepção é, segundo Ruiz, que o crescimento dos meios veio conjuntamente com a liberdade desses se expressarem. Somado a isso, a expansão midiática coincidiu com a onda de neoliberalismo econômico e, por tanto, muitas pessoas não conseguem separar entre o auge dos meios e esta ideologia.

Os meios de comunicação são acusados de criar a cultura da anti-política e promover uma sociedade de consumo que esvazia o sentido coletivo da vida em comunidade. Governos, partidos e movimentos com um viés reformista ou de esquerda revolucionária apontam a mídia como integrada ao bloco da direita, e, portanto, têm todo o direito de tratá-la como um adversário político.<sup>37</sup>

No entanto, a crítica aos meios supera questões ideológicas. São inumeráveis os candidatos que declaram após uma eleição que seu principal rival tem sido “a imprensa”; governos de todas as tendências mencionam a mídia como sua principal oposição. Ruiz expõe que frente a esta visão de colonização midiática, tem crescido o consenso sobre a necessidade de “liberar” a política. Para isto, para além da postura ideológica, os governos e políticos profissionais desenvolveram estratégias similares de recuperação da autonomia da política. Entre elas, o autor ressalta:

- a) A estigmatização dos meios como atores político/econômicos: cresce o discurso crítico dos governantes políticos aos meios de comunicação e jornalistas
- b) Aplicação e/ou reforma regulatória: envolvendo a imposição de sanções, reformas legislativas e o fim da renovação automática das concessões.

---

<sup>36</sup> RINCÓN, Omar. Op.cit. p.9

<sup>37</sup> RUIZ, Fernando, Op.cit. p.27

- c) Fortalecimento dos meios e canais estatais.
- d) Desenvolvimento de uma comunicação direta. Uma maneira de virar um pouco a lógica midiática é evitar ser mediado por jornalistas. Para este efeito, os governos da região desenvolveram mecanismos de comunicação direta que pode chegar "sem ruído" aos cidadãos.<sup>38</sup>

Ruiz cita o exemplo da presidenta argentina, Cristina Kirchner, quem viaja com uma equipe de comunicação própria, a qual envia as imagens diretamente aos telejornais. Outra estratégia é o uso da publicidade oficial dentro dos meios de comunicação privados e o uso da comunicação interpessoal como comunicação de massas.

Nos discursos de muitos governantes, essas medidas são apontadas como métodos para diminuir o poder antidemocrático dos meios de comunicação tradicionais. Ruiz considera o sistema midiático mais democrático aquele que inclui mais vozes, está aberto a críticas e não promove a polaridade informativa. Dessa forma, propõe três indicadores que podem nos ajudar a medir os efeitos democráticos da relação entre mídia e poder político: (a) A amplitude do arco de vozes (b) A capacidade de crítica a todos os poderes (c) O fortalecimento da base informativa comum. Sobre este último ponto, o autor aponta:

Um sistema de midiático pode dispor de meios que são representativos da maioria dos setores sociais e ter uma baixa qualidade democrática. Isso ocorre, por exemplo, em países onde a mídia é altamente polarizada. Igualmente importante de estar representado por algum meio é que o sistema midiático seja capaz de fornecer informações credíveis para os diferentes setores do antagonismo político. Assim, é possível construir uma discussão construtiva. Por exemplo, na Venezuela, Bolívia, Nicarágua e Equador, é cada vez mais difícil encontrar um meio que seja crível para os partidários do governo e para os adversários.<sup>39</sup>

Em síntese, a relação entre meios e política é, na concepção de Ruiz, caracterizada por um conflito de mútua influência e interferência entre os agentes e seus territórios discursivos em busca da representação da sociedade.

Assim como as instituições estritamente políticas e os partidos não têm o monopólio da representação política, as instituições propriamente midiáticas não têm um monopólio sobre a criação e circulação de representações sociais. Nem o espaço político é uma área exclusiva dos políticos, nem a midiática é da mídia.<sup>40</sup>

Por este motivo, a tensão é intrínseca à relação e o desafio deve ser procurar a forma em que este conflito traga maior representatividade à população da América Latina.

---

<sup>38</sup> RUIZ, Fernando. Op.cit, p. 44-48

<sup>39</sup> Ibid, p. 50

<sup>40</sup> Ibid, p. 46

### 3. BREVE HISTÓRIA DA VENEZUELA CONTEMPORÂNEA (1958-2002)

A história da Venezuela contemporânea parece iniciar no dia 23 de janeiro de 1958 quando um movimento civil e militar depõe o governo do ditador Marcos Pérez Gimenez. Uma junta de governo toma posse e marca eleições para dezembro daquele ano. Inicia-se assim um novo momento de democracia venezuelana liderada por dois partidos políticos: Partido Social Cristão (COPEI) e Ação Democrática (AD), e, com menor presença, pelo partido Unión Republicana Democrática (URD). A manutenção da democracia foi um trabalho difícil desde o início. Desde a guerra de independência (1811-1821), as Forças Armadas venezuelanas exercem uma enorme influência nas atividades políticas, fazendo com que a transição do poder raramente fugisse de ações de força (golpes de Estado) ou tconvenções vindas de líderes militares. Só em 1963, quando Rómulo Betancourt (AD) passa a faixa presidencial a Raúl Leoni (AD), acontece a primeira transição presidencial de dois mandatários escolhidos em eleições livres.<sup>41</sup>

Entre as estratégias tomadas para manter a democracia venezuelana se deve ressaltar o chamado *Pacto de Puntofijo*, o qual consistiu numa aliança entre os principais partidos políticos (AD, COPEI e URD). Esta aliança consolidará uma elite política que se alternará no poder durante quatro décadas.

Nas eleições para o período presidencial (1974-1979), sai vencedor o candidato de AD, Carlos Andrés Pérez. Nesse, seu primeiro governo, Pérez executa uma política econômica bem sucedida a qual, entre outras coisas: nacionaliza a indústria petroleira, fortalece a economia e consegue o chamado pleno emprego. O sucesso econômico de Pérez estava baseado na alta do preço do petróleo, fruto da crise petroleira de 1973 no Oriente Médio, e na estabilidade do bolívar<sup>42</sup>. Com o fim da crise petroleira, tem início a desvalorização da moeda venezuelana que explode no dia 18 de fevereiro de 1983, durante a presidência governo de Luis Herrera Campins (COPEI, 1979-1984). Nessa data, acontece o chamado “*viernes negro*” (sexta-feira negra) em que o bolívar sofre uma forte desvalorização, dando início à crise econômica venezuelana que percorre a história contemporânea do país até a atualidade.<sup>43</sup>

Em 1988 Carlos Andrés Pérez é eleito para seu segundo mandato com uma grande maioria dos votos populares. A esperança era que voltassem os anos da “Venezuela Saudita”,

---

<sup>41</sup> Disponível em: <http://www.elimpulso.com/pages/Presidentes.aspx> Acessado em: 21/10/2011

<sup>42</sup> Moeda Oficial da República de Venezuela desde 1879

<sup>43</sup> Disponível em: <http://www.elimpulso.com/pages/Presidentes.aspx> Acessado em: 21/10/2011

nome com que foi caracterizado seu primeiro governo, mas, para decepção dos venezuelanos, Pérez não consegue resolver a crise e toma medidas de caráter neoliberal e impopular, como o endividamento com o FMI e Banco Mundial, a privatização de empresas, a diminuição do gasto público e o aumento do preço da gasolina. Esta última medida ocasionou o aumento do preço do transporte público que desencadeou a uma enorme explosão de manifestações de insatisfação popular em todo o país, principalmente na cidade capital. O chamado “Caracazo” obrigou a Pérez a deslocar o exército às ruas para conter os saqueios e a destruição da cidade, o que ocasionou numerosos fatos de violência, feridos e mortes. O enfraquecimento político de Pérez foi evidente.

Além da impopularidade, deve ser considerada a indignação de militares de baixas e médias patentes com as evidências de corrupção do governo e do alto mando militar. Os militares sentiam que, ao invés de estar cumprindo com os valores da instituição militar, estavam servindo a uma elite corrupta que se escondia trás palavras de democracia. Os eventos do “Caracazo” só aumentaram o descontento dos tenentes, subtenentes e soldados que foram obrigados a dirigir e/ou executar ações contra o povo desarmado nas ruas.

Os eventos de 4 de fevereiro de 1992, que são analisados a fundo no Capítulo 4, ocasionam um efeito que o historiador Tarre Briceño, em seu livro *El espejo Roto*, caracteriza como uma nova percepção da sociedade venezuelana sobre si mesma, desde a qual a classe dirigente tradicional é obrigada a reconhecer seus erros e tenta reivindicar as formas de governo para poder cobrir as necessidades das parcelas menos favorecidas.

O fundador de COPEI e ex-presidente da República, Rafael Caldera, é escolhido presidente para o período 1994-1999, mas dessa vez com um novo partido *Convergencia* e apoiado pelos partidos de esquerda, como o *Partido Comunista Venezolano* (PCV) e o *Movimiento al Socialismo* (MAS). Frente ao fracasso econômico do governo de Caldera e a decadência dos partidos tradicionais, em dezembro de 1998, Hugo Rafael Chávez Frias, fundador do partido *Movimiento Quinta República* (MVR), é eleito Presidente da República de Venezuela com mais de 56% dos votos. Com a promessa de convocar a uma Assembléia Constituinte e de fazer um governo voltado para as parcelas menos favorecidas da população, Chávez inicia seu governo com o apoio de múltiplos setores do país, inclusive dos meios de comunicação. Durante essa época, a grande popularidade do presidente facilitou a aprovação da nova constituição que, entre outras coisas: dissolveu o senado, mudou o nome do país para República Bolivariana de Venezuela e alongou o período presidencial de cinco para seis anos. A popularidade também garantiu a re-eleição de Chávez para o período 2000-2006.

Mas, as boas relações entre o presidente Chávez e os grandes capitais privados do país tiveram curta duração. No terceiro trimestre de 2001, é aprovada, pelo Congresso da República, a aplicação da Lei Habilitante, que dá poderes especiais ao presidente da República para ditar decretos em forma de lei. As fortes modificações promovidas pelo governo nos setores econômicos de base, bem como seus discursos considerados agressivos contra o capital privado e os meios de comunicação privados não demoraram em ocasionar uma tensão e consolidar um forte movimento oposicionista crítico, organizado e ativo na vida pública, dividindo o país em duas claras posições político-ideológicas: a chavista e a opositora.

Em dezembro de 2001, a Federação de Câmeras e Associações de Comércio e Produção da Venezuela (FEDECÁMERAS)<sup>44</sup> e a Confederação de Trabalhadores de Venezuela (CTV), convocaram à primeira de várias greves nacionais que paralisaram grande parte da atividade econômica do país. Naquela época, eram comuns as passeatas e manifestações de ambos os setores, as quais contavam com uma cobertura exaustiva dos meios de comunicação. Os meios privados, representados por quatro emissoras televisivas de grande porte: RCTV, Venevisión, Televen e Globovisión, claramente continham uma linha editorial que promovia as atividades da oposição; enquanto que a emissora televisiva do Estado, Venezolana de Televisión passou a ser o principal órgão de difusão dos discursos chavistas.

Em fevereiro de 2002, os ânimos se exaltaram pela nomeação de uma nova junta diretiva na gigante estatal Petroleos de Venezuela (PDVSA). A oposição criticou a decisão do governo alegando que a nomeação seguia uma linha de exclusão chavista. Os dirigentes da Fedecamaras e a CTV, agora com o apoio de um grupo de ex-funcionários de PDVSA e militares dissidentes, chamaram a uma nova paralisação nacional para o dia 9 de abril de 2002, a qual se estende, dando origem aos acontecimentos dos dias 11, 12 e 13 de abril, aprofundados no Capítulo 5.

### **3.1 A televisão na Venezuela<sup>45</sup>**

Os primórdios da televisão na Venezuela datam de 1952. Embora o primeiro canal (Televisão Nacional) se encontrasse sob controle direto do governo, o caráter comercial tem

---

<sup>44</sup> Principal organização de grêmios empresariais de Venezuela, formada por empresários de todos os setores produtivos do país.

<sup>45</sup> ROMERO, Milagros. “La televisión”. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos13/televis/televis.shtml> Acessado em 03/10/2011



marcado a história da televisão no país. Devido aos elevados custos da instalação e operação, a expansão da televisão na Venezuela foi lenta, difícil e com várias tentativas falidas.

Em 1953, nasce a YVLV Canal 4 (mais tarde adquirida pelo Grupo Cisneros e agora conhecida como Venevisión), emissora dirigida por Gonzalo Veloz Mancera. Também em 1953, patrocinada pela Corporación Venezolana de Radio, é fundada a Radio Caracas Television (RCTV), sob propriedade Phelps Grupo. A emissora Venezolana de Television (CVTV), Canal 8, foi fundada em 1964 pelo Grupo Vollmer, em associação com a Time-Life.

Nos anos 60, apesar do Regulamento das Radiocomunicações, o canal 4 passa a ser da Família Cisneros e 42% do grupo norte-americano ABC. O concorrente desse último, a NBC, compra 20% da RCTV e a CBS se associa com a CVTV. A lei venezuelana decreta que os sinais de televisão só podem ser explorados pelos venezuelanos. O nascimento da televisão no país não foi acompanhado dos respectivos regulamentos legais.

A partir dos anos 70, graças à alta do preço do petróleo, a situação melhora e há uma alta concentração do capital nas atividades televisivas. Na década de 80 também há novidades: a Corporação Televen entra no ar em 1988 e, ao longo dos anos, o seu sinal alcança todos os cantos do país.

A partir de 1993, aumenta a quantidade de canais com conteúdo especializado, como Globovision (informação), TV Meridiano (esportes), e TV Puma (música). Cresce também a rentabilidade de novas empresas dedicadas à exploração da televisão a cabo.

A televisão na Venezuela, em um fenômeno que coincide com a América Latina e com os Estados Unidos, tornou-se o meio de comunicação mais importante, mais penetrante e de maior mobilização econômica do país. Em Caracas, por exemplo, quase 100% dos domicílios possuem pelo menos um aparelho de televisão e em outros estados a presença excede 95%. Em torno de 60% do investimento em publicidade passa pela televisão, e, sem dúvida, ela é o meio de entretenimento e informação mais difundido entre as famílias do país.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> ROMERO, Milagros. Op.cit. pag 13

### 3.2 Televisão e política na Venezuela

*O jornalismo tem a capacidade de produzir sentidos de reforço ao sistema e a manutenção de valores hegemônicos, assim como gerar uma dimensão transformadora na percepção da realidade social.*<sup>47</sup>

Como apontado por Fernando Ruiz em relação à América Latina, na Venezuela, mídia e política sempre se apresentaram como agentes extremamente interligados e interdependentes. A televisão, especificamente, chegou ao país em 1952, poucos anos antes de 23 de janeiro de 1958, data que marca o início da nova democracia representativa venezuelana. Sua ascensão, nos anos 70, está associada com a consolidação do modelo político e econômico proposto pelo sistema bipartidarista. Durante este período, os donos dos meios sempre foram empresários de grande capital e influência política. É por isto que é fácil acusar as emissoras televisivas de defender ideais liberalistas vinculados com a manutenção do *status quo*. No entanto, veremos que as vinculações político-econômicas não são causa suficiente para a produção de linhas editoriais manipuladas e/ou descomprometidas com sua função social.

Nos primeiros meses de 1992, apesar de existir uma política neoliberal que costuma favorecer os grandes capitais privados, a programação dos telejornais das emissoras privadas nacionais coincidiam com o sentimento de insegurança e insatisfação dos venezuelanos. As emissoras faziam parte de um forte movimento crítico que ajudou a aumentar a enorme impopularidade do governo de Carlos Andrés Pérez. Nas palavras do jornalista Moisés Naim:

Com a bandeira da liberdade de expressão e paralelamente ao desprestígio dos governos democráticos, o poder se deslocou aos meios de comunicação. A mídia ficou em total liberdade para atacar sem limites o governo e os partidos. Desta forma, se multiplicou o desprezo aos partidos tradicionais.<sup>48</sup>

Apesar dessa postura evidentemente crítica, o governo de Pérez não procurou realizar nenhuma ação que diminuísse o poder da mídia. Já a situação social e política na Venezuela de 2002 é muito diferente daquela de dez anos antes. A relação entre o governo e os meios de comunicação é muito mais tensa: o governo, ao mesmo tempo em que enfrenta diretamente as mensagens dos meios privados como se fossem adversários políticos, procura fortalecer sua imagem revitalizando e carregando de mensagens políticas os meios públicos. Desde que chegou à presidência da república, Chávez tem desenvolvido uma assídua comunicação com

---

<sup>47</sup> BECKER, Beatriz. Op cit, pag.9

<sup>48</sup> NAIM, Moisés. *"Paper, Tigers and Minotaurs"*: The Politics of Venezuela's Economic Reforms. Ed. Canergie Endowment Books, USA, 1993. p.24

a população, especialmente através da televisão. Até o final de 2002, estima-se que o presidente tenha falado, em *cadena nacional*<sup>49</sup>, uma média de 40 minutos diários<sup>50</sup>, tempo que se soma às suas aparições no programa dominical *Aló Presidente*, surgido em maio de 1999. O programa, dirigido pelo próprio Chávez, originalmente estava destinado à recepção de chamadas de cidadãos relatando seus problemas, para que então o Presidente os destinasse a algum ministro. Na visão do historiador Enrique Krauser, “Chávez inaugurou um estilo inédito nos anais políticos: ele governa ao vivo frente às câmeras”.<sup>51</sup>

Em 2002, cada lado fazia críticas muito fortes ao outro. Os meios criticavam as características totalitárias do governo, enquanto que, do lado chavista, já se usava o termo “*medios oligarcas*”, que desprestigiava a informação vinda dos meios privados. Existia um clima de polarização no país, considerado pelos opositores do governo como característico dos discursos e da forma de comunicação chavista, o que dificultava uma abordagem não-parcial dos eventos por quaisquer pessoas ou meio, pois as linhas de percepção estavam já traçadas.

---

<sup>49</sup>*Cadena nacional*: É uma transmissão que monopoliza o espaço radioelétrico de rádio e/ou televisão para a transmissão de mensagens das autoridades. Na Venezuela o habitual é que se realize conjuntamente em ambos os meios.

<sup>50</sup> KRAUZE, Enrique. “*El poder y el Delirio*”. Barcelona: Tusquets. 2008. p.90. Tradução livre.

<sup>51</sup> Ibid. p.49. Tradução livre.

#### **4. 1992**

Entre 3 e 4 de fevereiro de 1992, um grupo de tenentes coronéis sublevados tentou depor pela força o governo constitucional de Carlos Andrés Pérez. Segundo seus líderes, o movimento estava fundamentado no clima de insatisfação popular e das Forças Armadas. A ação foi planejada com anos de antecedência por um grupo clandestino surgido da Escola Militar denominado Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR200).

A ação envolveu guarnições dos estados Aragua, Cababobo, Miranda, Zulia, e do Distrito Capital. No estado Zúlia, os golpistas conseguiram o dominar todos os pontos estratégicos e aprisionar ao governador sem necessidade de enfrentamentos. Em Caracas o movimento teve início às 11 horas da noite do dia 3 de fevereiro, quando o Presidente Pérez voltava por via aérea do Foro Econômico Mundial em Davos. Pérez consegue pousar no aeroporto de Caracas e se dirige à residência presidencial (La Casona). Por recomendações de segurança se translada ao Palácio de Miraflores (sede do poder executivo) poucos momentos antes do ataque dos golpistas a La Casona. No palácio, Pérez consegue escapar dos ataques de forma quase milagrosa e se dirige aos estúdios do canal Venevisión. Produzem-se enfrentamentos militares em diferentes pontos da cidade capital. Após negociações entre o Ministro da Defesa e os golpistas, Hugo Chávez, líder do movimento, anúncia sua rendição frente às câmeras de televisão, solicitando a deposição das armas dos sublevados em todo o território nacional. Todos os líderes do movimento foram levados a prisão e acusados por crimes contra a nação.

##### **4.1 Discurso do Presidente Carlos Andrés Perez**

O discurso do Presidente Carlos Andrés Pérez representa a postura oficial do governo e dos partidos políticos tradicionais em repúdio aos atos de violência e em defesa à democracia constitucional. As circunstâncias (lugar e momento) em que é proferido o mostra um caminho muito claro sobre as principais formas em que um discurso televisado pode ter uma importância vital para os personagens envolvidos em um golpe de Estado. Veremos também como esta declaração evidencia a terceira consideração geral de Foucault sobre os discursos, a qual os define como “um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual se constituem os saberes de um momento histórico”.

Após escapar do ataque dos golpistas ao Palácio de Miraflores, o Presidente Pérez se dirige aos estúdios de Venevisión, uma das principais emissoras de televisão privada do país. Com os enfrentamentos ainda acontecendo em diferentes partes da cidade capital e do

território nacional, o Presidente toma a arriscada decisão de permanecer oculto em um local extremamente vulnerável, ao invés de em qualquer localização militar que pudesse garantir maior segurança pessoal. Dos estúdios de Venevision Pérez se dirige à nação em duas oportunidades. Na sua segunda alocução nessa madrugada, o presidente dirige ao vivo à nação da seguinte forma:

"Venezuelanos, venezolanas. Uma hora atrás, me dirigi à nação para dar conta do atropelo vandálico de um grupo de militares, que ignorando seus deveres constitucionais e desonrando sua inteligência, tentaram um golpe para me assassinar, pretenderam tomar a Casona e o palácio de Miraflores. Felizmente, a lealdade funcional das forças armadas o impediu. Conto com o apoio de toda a nação. Fedecamaras, a CTV, os partidos políticos têm apoiado o governo democrático da Venezuela e seu presidente constitucional.

Tive a honra e a vergonha, ao mesmo tempo, de receber mensagens diretamente dos presidentes latino-americanos. O Presidente Gaviria foi porta-voz do Presidente Carlos Salinas, Alberto Fujimori, Carlos Menem e outros presidentes latino-americanos para me dizer que enviaram para a imprensa e os meios de comunicação, uma declaração muito forte e vigorosa, dizendo que nunca aceitariam que a pátria de Bolívar fosse pisoteada por uma nova ditadura. O Presidente Mitterrand também chamou da França, o presidente da Espanha, Felipe Gonzales, e também, alguns momentos atrás, recebi a chamada do Presidente George Bush, que às duas da manhã, deixou seu quarto para dizer aos venezuelanos que têm contem com a solidariedade do povo dos Estados Unidos.

Agora, eu quero me dirigir, especialmente às Forças Armadas Nacionais. Oficiais e soldados, fala seu Comandante-em-chefe, a sua obediência é para mim, para quem tem o mandato do povo, quem jurou a Constituição. Qualquer oficial que tenha a intenção de ignorar o seu mandato, em qualquer hierarquia, deve ser desconhecido por vocês. Vocês têm que honrar o juramento, vocês têm que honrar o povo da Venezuela. Eu envio a ordem precisa e categórica de obedecer ao seu Comandante em Chefe; obedecer aos comandos naturais da organização militar que permanecem firmes na obediência e em conformidade com a Constituição da República."<sup>52</sup>

O discurso apresenta numerosos elementos verbais que caracterizam sua intenção de formar uma identidade nos moldes que Lene Hansen mostra, isto é: construída através de processos de diferenciação e afinidade. O uso de expressões como “atropello vandálico”, “deshonra” e “asesinar-me” no primeiro parágrafo do texto, é uma clara tentativa de formar uma definição negativa dos golpistas para poder atrair o respaldo popular à causa do presidente.

#### 4.1.1 O presidente na Venevisión

---

<sup>52</sup> PEREZ, Carlos Andrés. Texto extraído de: TARRE Briceño, Gustavo *El 4F, El espejo roto*. Editorial Libros Marcados. Caracas, 2007. p.43

Por ter acontecido dentro dos estúdios de um canal de televisão privado em um momento em que a vida do presidente e a manutenção do poder ainda estavam em risco, este discurso se apresenta extremamente representativo da relação existente entre a mídia e o governo da época. Podemos afirmar que nesta situação particular se fez evidente a dependência dos líderes em se legitimar como poder político através da representatividade nos meios de comunicação. A função política dos meios é evidente.

Como se descreve no capítulo histórico, em 1992 os meios de comunicação se somavam às críticas do governo de Pérez. Porém, ao abrigar o presidente e permitir que este declare ao país ao vivo, fica demonstrada uma relação de intimidade e confiança entre os governantes e os donos das emissoras televisivas, além de certa dependência do Estado frente à capacidade dos meios de criar ou legitimar seu poder através da construção de um imaginário simbólico. A televisão, por sua vez, mesmo tendo uma tendência crítica frente ao governo Pérez, toma partido do seu lado em nome da informação e por causa do desconhecimento das intenções e personalidades dos militares sublevados.

O discurso do teve várias implicações posteriores; pensando no curto prazo, sua declaração pode ser considerada uma estratégia inteligente e bem sucedida, pois, independentemente do seu conteúdo, fez evidente que o presidente continuava livre, atuante e com sua integridade física intata. A presença do presidente na TV já era um discurso por si só. Isto transmitiu uma sensação estabilidade política, antecipando a derrota do golpe, desmoralizando aqueles que ainda lutam em todo o país e evitando a adesão de novos rebeldes.

O historiador e político Gustavo Tarre Briceño, presente em Venevisión durante os eventos, nos aponta um elemento importante neste quadro de vantagem do governo frente aos golpistas:

Chamava a atenção de todos os que estávamos em Venevisión a ausência dos rebeldes nos meios de comunicação de rádio e televisão. Soubemos que o canal 2 (RCTV) tinha sido tomado, mas que não puderam transmitir nada porque os operadores de guarda enganaram ao Tenente encarregado dizendo que não era viável a transmissão. O oficial procedeu a destruir o cassete<sup>53</sup>.

Por sua vez, Edward Luttwakk, no *Manual Prático do Golpe de Estado*, aponta precisamente aquilo que deveria ser feito (e, neste caso, não foi feito) na estratégia dos golpista em relação ao meios de comunicação:

---

<sup>53</sup> TARRE Briceño, Gustavo *El 4F, El espejo roto*. Editorial Libros Marcados. Caracas, 2007. p. 71

O objetivo deve ser não só controlar a atividade das estações de rádio e TV, mas monopolizar o fluxo de informação. Seria uma estratégia difícil tentar capturar e conservar todas as emissoras. Nossa estratégia consistirá em tomar uma só e neutralizar todas as outras [...] Aqueles que pegarão a estação de rádio ou televisão, devem estar em capacidade de fazê-la funcionar sem demora e conseguir que técnicos se passem à causa<sup>54</sup>.

O 4 de Fevereiro de 1992, a estratégia golpista não só não conseguiu monopolizar o fluxo de informação, mas sequer conseguiu transmitir sua mensagem a tempo através da televisão venezuelana. O líder dos sublevados, o Tenente Coronel Hugo Chávez, que se encontrava no Museu de História Militar de Caracas, afirmou ter tido problemas com a antena microondas que tinha à sua disposição, e isto impossibilitou sua presença nos meios quando ainda tinha superioridade militar e era possível tomar o poder. O problema técnico dos golpistas é aprofundado pelo historiador Manuel Caballero, em *Crisis de la Venezuela contemporanea*, como um problema da limitação dos seus membros, pois, salvo uma rara exceção na cidade de Valencia, os integrantes do golpe eram todos militares e não tinham experiência na área de comunicação. Os rebeldes também não tiveram a intenção ou a capacidade de associar ou negociar com nenhuma televisora e com isso sua visibilidade dependia do uso da força.

A ausência dos golpistas na TV certamente beneficiou o sucesso do discurso do Presidente Pérez como estratégia político-militar. Porém, as interpretações dadas aos discursos são múltiplas e relativas. Como estratégia para se comunicar com a população e de atrair pessoas ao apoio das instituições e do presidente, o discurso de Pérez se apresentou como insuficiente.

#### 4.1.2 O peso da impopularidade

Apesar da coerência e pertinência em relação à defesa dos valores democráticos e da hierarquia militar, o discurso foi interpretado pela maioria da população como as palavras de um mandatário debilitado. Os problemas econômicos e sociais do Governo Pérez diminuíram sua legitimidade e autoridade; as ordens do seu discurso pareciam proferidas ao vazio. Deve ser lembrado que uma semana antes de 4F, as pesquisas indicavam uma desaprovação do Governo por 74% da população. A imagem de Pérez estava desgastada desde os acontecimentos do “Caracazo” em 1989, e as recentes melhoras econômicas não tinham chegado ainda à população. A este quadro de impopularidade é acrescentada esta nova crise política, a qual inevitavelmente questiona a legitimidade do presidente.

---

<sup>54</sup> LUTTWAKK, Edward. *El Golpe de Estado, Manual Práctico*. Editorial Paz e Terra. São Paulo. 1991. p.171.

No seu discurso, Pérez parece estar exigindo uma obediência que perdeu dos seus subalternos; uma autoridade que lhe corresponde por lei, mas que não é corroborada por quase nenhum setor da sociedade venezuelana. Seria muito difícil inverter este quadro de descontentamento popular e militar em um único discurso e o Presidente não só não conseguiu fazê-lo como piorou a situação. Nos parágrafos centrais do seu discurso, Pérez parece estar mais preocupado com sua imagem externa, com a vergonha que teve que passar, do que com os problemas internos do país. Apesar de se dirigir aos venezuelanos e venezuelanas, o discurso de Pérez parece não ter um interlocutor, e, definitivamente, apesar dos partidos políticos e a maioria dos venezuelanos respaldarem a democracia, este ocasionou pouca ou nenhuma adesão à causa pessoal do presidente.

A eficácia do discurso estava baseada no suposto controle que tinha o presidente da situação, e na ausência, até os momentos, de uma mensagem dos golpistas que pudesse se contrapor à voz oficial. É por esta razão que quando essa mensagem aparece inesperadamente, com forma e conteúdos relativamente novos, desperta um senso crítico comparativo capaz de desprestigiar mais ainda a já abatida imagem presidencial.

#### **4.2 Discurso do Tenente Coronel Hugo Chávez**

O Discurso de rendição do Tenente Coronel Hugo Chávez Frias é essencial para a compreensão da história contemporânea da Venezuela; não por acaso vários autores consideram esta declaração como “Os dois minutos que mudaram a Venezuela”. Da mesma forma, é uma interessante peça para analisar o potencial narrativo e de identificação que tem a televisão na nossa sociedade.

Após as negociações com o Ministro da Defesa, General Ochoa Antich, Hugo Chávez, líder dos sublevados e encarregado da tomada de Caracas, decide se render e é feito prisioneiro pela FAN. No Ministério da Defesa o Vice-almirante Elias Daniels apresenta aos meios de comunicação ao comandante rebelde e indica aos periodistas que não serão permitidas perguntas. Chávez, em uniforme militar, boina vermelha e voz altiva, se pronuncia da seguinte forma:

"Primeiro, gostaria de dar bom dia a todo o povo da Venezuela. A seguinte mensagem bolivariana é dirigida aos bravos soldados que estão no Regimento de Pára-quedas de Aragua e Brigada Blindada de Valencia.

Companheiros: infelizmente, por agora, os objetivos que estabelecemos não foram atingidos na cidade capital. Isto é, nós aqui em Caracas, não podemos controlar o poder. Vocês o fizeram muito bem lá. Mas é tempo de evitar mais derramamento de sangue. É hora de refletir. Virão novas situações. O país precisa definitivamente se dirigir a um destino melhor.



Então, ouçam as minhas palavras, ouçam ao Comandante Chávez lhe envia esta mensagem para que por favor reflitam e deponham as armas. Porque, na verdade, as metas que estabelecemos a nível nacional são impossíveis. Companheiros, ouçam esta mensagem de solidariedade. Obrigado pela sua lealdade, obrigado pela sua valentia e generosidade. E, frente ao país e frente a vocês assumo a responsabilidade por este movimento militar bolivariano."<sup>55</sup>

Este documento se apresenta como uma peça de relevância única para a análise dos elementos da linguagem verbal e não-verbal presentes no meio audiovisual utilizados como instrumento de identificação e conseqüentemente como instrumento político.

#### 4.2.1 Uma recepção inesperada

Muito já foi falado sobre este discurso e do que representou para a população venezuelana. Nas palavras de Gustavo Tarre,

Desde o “por agora” até a assunção total das responsabilidades, passando pelo reconhecimento do seu fracasso pessoal ao mesmo tempo em que elogia seus subalternos. Chávez, derrotado, mantém uma posição digna e conseqüente. Com suas palavras evita um derramamento de sangue. É uma cara distinta, refrescante [...] É uma esperança de algo distinto em um país acostumado a que as responsabilidades se regiram em que a culpa seja de outro<sup>56</sup>.

O psiquiatra Roberto de Vries no seu estudo analisa rasgos do discurso que possivelmente só poderiam ser transmitidos através da imagem televisiva.

Na aparição única, repentina, surpresa nas telas de TV, na manhã de 4 de fevereiro, apareceu basicamente um homem que se apresentava com um uniforme militar impecável, a boina vermelha bem colocada e os seguintes elementos comunicacionais: segurança, serenidade, valentia, confiança em si mesmo e nos seus, autocrítica; em resumo, uma autoestima de ferro; dava a impressão de que a pesar de ser um prisioneiro, quem o controlavam não podiam violentar seu espaço territorial mínimo de 30 centímetros de distância.<sup>57</sup>

Túlio Hernández, nos oferece outra declaração bastante representativa da percepção da sociedade venezuelana sobre o discurso.

Até o meio dia da terça-feira 4 de fevereiro, os venezuelanos comuns desconheciamos plenamente a identidade dos golpistas. Eram sombras, fantasmas arbitrários. Não tinham transmitido proclama alguma; não exigiam nada, não ofereciam nada. Mas a população intuía o assunto e esperava calma e protegida pela presença do presidente na TV, a aparição em cena dos responsáveis dos fatos. Até esse momento os golpistas eram só adjetivos: ambiciosos, sublevados, traidores. E aconteceu que às 11h55min da manhã, o país inteiro enfrentou-se a uma imagem e uma voz à qual não estava acostumado. Um homem, relativamente jovem, dirigiu-se ao país com clareza, declarando oficialmente clausulado o

---

<sup>55</sup> CHÁVEZ, Hugo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=dV1fKQscgSQ&feature=related> acessado em: 14/10/2011

<sup>56</sup> TARRE, p113, 2007)

<sup>57</sup> VRIES, Roberto. Artigo do jornal “El Nacional” *apud*. TARRE, p114, 2007

capítulo; anunciando, porém, que a derrota se tratava de uma circunstância momentânea.<sup>58</sup>

Esta última declaração corrobora a importância da presença/ausência dos agentes do golpe no espaço televisivo, e aponta várias questões importantes sobre a forma em que este discurso foi apreendido pelas pessoas, entre elas a surpresa. Os venezuelanos se surpreenderam porque esperavam outra imagem dos golpistas. Isto porque, até os momentos, o único discurso presente na mídia era o oficial, o qual se limitou a desprestigiar aos assassinos que tentaram derrubar o governo. As pessoas esperavam ver na TV a militantes traidores, covardes e derrotados; ao invés disso, recebem uma mensagem de um homem que através de suas palavras transmite fortes princípios morais e patrióticos, consciente do que faz e com autoridade para resolver a situação, característica que parecia faltar ao presidente da república. Com isto se desconstruiu o mito da imagem malvada dos golpistas e aumenta o descrédito o discurso oficial.<sup>59</sup>

Tarre Briceño afirma que existiu uma unanimidade em apontar a magnitude do erro que foi permitir que o líder do movimento se dirigisse ao país ao vivo. Dentro das discussões dos grupos políticos ninguém questionou a utilidade, a efeitos militares, do convite à rendição, mas o a maioria considerou evidente que Chávez devia ter sido gravado e editado antes de sair ao ar.

A situação criada pelo discurso ressalta uma das características do telejornalismo ao vivo ressaltada por Barbosa na sua análise sobre o uso do tempo no telejornal: a imprevisibilidade. A partir do momento em que existe uma transmissão ao vivo, os meios de comunicação e qualquer um que possa ou tente dominar seus discursos, perde completamente o controle daquilo que é passado à tela e é recebido pelo espectador. Ninguém, por maior experiência política e midiática que pudesse ter, podia imaginar que o discurso de rendição do chefe do golpe causaria semelhante reação de apoio popular. No momento em que se começou a pensar nesta possibilidade, a imagem já tinha sido vista pela maioria dos venezuelanos.

#### 4.2.2 A construção biográfica

A sociedade inteira, incluindo os meios de comunicação, ficou impactada com a figura que viram nas telas e queriam saber mais sobre o homem que atacou o governo que

---

<sup>58</sup> TARRE, p.126, 2007

<sup>59</sup> É importante ressaltar também que nenhuma cena explícita de mortos e feridos durante a confrontação militar foi transmitida pelos meios de comunicação.

assumiu dignamente sua derrota. Foram muitos os programas televisivos e as reportagens jornalísticas que posteriormente buscaram revelar o passado e a personalidade do líder dos sublevados. A biografia de Chávez passou a ser um fenômeno midiático, transformando-o de desconhecido a uma figura de enorme apelo popular, e, posteriormente, a presidente da república.

Michael Herschmann e Carlos Messeder estudam a força que a narrativa biográfica vem adquirindo na sociedade contemporânea. Consideram que este tipo de narrativa vem se tornando referência fundamental para os indivíduos, pois possibilita ordenar a realidade, cristalizando temporariamente identidades, projetos de vida, seja para o sujeito biografado, seja para os espectadores deste tipo de produto. Os autores apontam “É como se passássemos a nos nutrir desses discursos que narram a vida e a intimidade de ídolos, os quais se constituem, cada vez mais, em importantes referências para construirmos o que identificamos como “nossa trajetória”<sup>60</sup>.

Para Herschmann e Messeder, as fronteiras entre heróis e celebridades vêm se fragilizando e já não seria possível precisar quais são os fatores que consagrariam um determinado ídolo. “talento, atos heróicos e/ou estratégias publicitárias bem-sucedidas são todas dimensões que se articulam no sentido de produzir heróis/celebridades em contextos de alta visibilidade”.

Na coerente observação de Tarre Briceño, Hugo Chávez foi o primeiro militar na história da Venezuela em se consagrar publicamente não por ganhar uma batalha ou guerra, mas pela forma em que se rendeu. Isto é um fato que só seria possível na sociedade contemporânea, onde os meios de massa e suas tecnologias abrem campo para aproximarmos a narrativas biográficas e criar identidades a partir delas.

O discurso que em aparência não estava dirigido aos civis e sim aos grupos rebeldes que ainda combatiam, inesperadamente se converteu numa peça de comunicação de enorme valor, dirigida a diversos e grandes setores da população venezuelana, abrindo caminho a mudanças significativas na forma de fazer política na Venezuela.

### **4.3 Discurso do Ex-Presidente Rafael Caldera**

Na agitada tarde de 4 de Fevereiro, frente aos principais líderes governamentais do país e uma enorme audiência televisiva, o ex-presidente da República Rafael Caldera deu

---

<sup>60</sup> HERSCHMANN/MESSENDER, *Mídia, memória e celebridades*. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2005, p.11

uma declaração sobre os eventos golpe de Estado que foi considerada por muitos como uma traição de um dos principais líderes da história democrática de Venezuela à institucionalidade e à própria causa democrática. O fundador e máximo líder do Partido Social Cristão (COPEI) surpreendeu a toda a comunidade política ao ser o único membro da mesa convocada por Pérez em não assinar a aprovação do decreto de suspensão de garantias entregue ao Congresso na manhã dessa terça-feira. Posteriormente o ex-presidente Caldera pede a palavra na sessão extraordinária para esclarecer sua posição.

Para muitos a postura de Caldera foi uma mostra de oportunismo político sem comparação: o ex-presidente aproveitou a oportunidade crítica para atacar ao governo atual e recuperar a presença e força política que tinha perdido nos últimos anos. Para outros, o discurso foi uma mostra de lucidez e sinceridade do ex-presidente frente aos recentes acontecimentos da falida insurreição militar. Este discurso foi transmitido em cadeia nacional de rádio e televisão e contou com uma das audiências maiores da televisão venezuelana até a época. É provável que Caldera soubesse disto, fazendo-nos duvidar das suas boas intenções, mas o que é inquestionável é que sua análise problematizou o golpe de Estado dando-lhe uma nova perspectiva e, ainda que não intencionalmente, justificando em algum grau suas causas. Aqui estão transcritos os principais momentos do discurso:

"Quando aqui na Venezuela e no exterior tenho sido perguntado, como certamente terão também sido os senadores e deputados aqui presentes, sobre as causas da estabilidade democrática na Venezuela, no momento em que o sistema naufragava em nações de melhor tradição institucional que a nossa, normalmente aponto quatro fatores que para mim representam uma grande importância.

Por um lado, a inteligência que existe na liderança política para enterrar os antagonismos e as diferenças de interesses com o interesse comum de reforçar o sistema democrático. Segundo, a disposição, alcançada através de um processo que não foi fácil, das Forças Armadas a serem totalmente incorporadas ao sistema e exercer uma função puramente profissional. Terceiro, à abertura que o movimento o movimento empresarial mostrou quando foi inaugurado o sistema democrático, ao progresso social e à compreensão de reconhecer os direitos legítimos da classe trabalhadora. Mas, afinal, o fator mais importante foi a decisão do povo venezuelano em arriscar tudo para defender a liberdade, para a manutenção de um sistema de garantias dos direitos humanos e o exercício das liberdades públicas duramente conquistada através de nossa acidentada história democrática.

Devo dizer com profunda preocupação que a situação que vivemos há mais de 30 anos não é a mesma hoje. Por um lado, a inteligência da liderança política tem muitas vezes esquecido que a preocupação fundamental para servir, acima de tudo, ao fortalecimento das instituições. Além disso, o empresariado não tem dado as mesmas manifestações de abertura que caracterizou sua conduta nos anos de formação da democracia venezuelana. Terceiro, porque as Forças Armadas, que têm sido exemplar na sua conduta profissional nas garantias das instituições, estão começando a mostrar sinais de deterioração, em muitos dos seus membros, da convicção de que, acima de tudo que eles precisam manter uma posição uma posição obediente às instituições e autoridades legitimamente eleitas. E quarto, e é isso o que mais me preocupa e dói. Não consigo encontrar no sentimento popular a mesma reação entusiástica, determinada e zelosa na defesa da democracia que

caracterizou o comportamento das pessoas em todos os incidentes dolorosos que teve que passar depois de 23 de janeiro de 1958.

Debemos admiti-lo, estamos profundamente tristes, mas é verdade: não sentimos na classe popular, em todos os venezuelanos e até mesmo nos ativistas políticos a reação entusiasmada, imediata, determinada, altruísta, pronto para qualquer coisa contra a ameaça à ordem constitucional. E isso obriga-nos a aprofundar a situação e suas causas.

Neste momento temos que dar uma resposta ao povo e eu tenho a convicção de que não é a repetição dos mesmos discursos que foram falados por trinta anos cada vez que havia uma rebelião desfilando pelas câmeras de televisão, aquilo que responderia à inquietação, sensação e a preocupação popular. O país está à espera de outra mensagem. Eu gostaria de lhe dizer a este fórum com toda a responsabilidade ao senhor Presidente da República que dele principalmente, mas também de todos, depende a responsabilidade de tomar imediatamente as correções profundas que o país está reivindicando. É difícil pedir às pessoas que se sacrifiquem pela liberdade e a democracia, quando pensa que a liberdade e a democracia não são capazes de lhes dar de comer e evitar o aumento exorbitante no custo da subsistência, quando não tem sido capaz de pôr um fim definitivo para a morbidade terrível da corrupção, que aos olhos do mundo está consumindo cada dia a institucionalidade.

Esta situação não pode ser escondida. O golpe militar é reprovável e condenável em todos os sentidos, mas seria ingênuo pensar que este é apenas um caso de alguns ambiciosos que por conta própria se lançaram precipitadamente e sem perceber aquilo onde se estavam metendo. Há um ambiente, há uma transfundo, há uma grave situação no país e se esta situação não se enfrenta, o destino nos reserva muitas e graves preocupações.”<sup>61</sup>

Os elementos em destaque em apontam a sutil, mas clara responsabilização do presidente da república bem como o também sutil tom de justificação da ação golpista. Porém, o tom predominante do discurso no seu modo textual como oral, demonstra uma postura pacificadora, em busca da compreensão de uma situação e de uma saída pacífica à crise política venezuelana.

O economista Emetério Gomez<sup>62</sup>, quem ironicamente se proclama adversário ideológico de Caldera, escreve um dos principais elogios ao discurso. Gomez afirma que o fio constitucional foi quebrado na madrugada de 4 de fevereiro, independentemente do fracasso do golpe

Essa mesma tarde, após aquelas três inúteis horas de discussão coletiva do Partido Social Cristão para no final não se entender nada, essa mesma tarde o doutor Caldera, por obra e graça de quem sabe qual intuição transcendente, estava fazendo e dizendo o único que cabia fazer e dizer para lhe devolver às pessoas alguma pequena esperança, alguma presença civil na qual acreditar, algum toque de racionalidade, de cultura, e de verdadeira vontade política frente à irracionalidade, barbárie e realismo mágico da figura de Chávez que crescia enormemente na consciência infantil do nosso povo.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup>CALDERA, Rafael. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OLTJyXYLK38&feature=related> acessado em: 18/10/2011

<sup>62</sup>GÓMEZ, Emetério. Salidas para una Economía Petrolera. Editorial Futuro. San Cristóbal, 1993.

<sup>63</sup>TARRE BRICEÑO, Gustavo. Op.cit. p.152

Após os acontecimentos de 4 de Fevereiro, a sociedade venezuelana se encontrou frente a uma situação dicotômica entre a velha democracia que não estava dando certo e uma nova ordem anticonstitucional com o risco (sempre presente após todo golpe de Estado) de cair em uma ditadura. O apoio popular e de alguns partidos políticos aos golpistas nos leva a pensar que uma parcela da população estava disposta a trocar a trajetória democrática por algo que se apresentasse como completamente diferente àquilo vivia. O historiador Manuel Caballero encontra uma possível explicação na psicologia social:

Existe uma tendência «anti-todo», um primitivismo anárquico que leva a boa parte da população marginada a votar ou a servir de base às opções mais extremas, não política, mas, moralmente. A mesma população que rejeita o extremismo político se inclinará muitas vezes por aquilo que signifique o proclamado pólo oposto da situação que vive no momento<sup>64</sup>.

O valor do discurso de Caldera foi abrir a possibilidade de uma terceira postura. Ao mesmo tempo em que rejeitava o golpe por sua violência física e à constituição, Caldera exigia uma verdadeira reivindicação das instituições democráticas existentes. Esta postura exigia uma nova perspectiva histórica daquilo que aconteceu em 4F, uma perspectiva em que os golpistas não eram exatamente nem bons nem maus, eles simplesmente tomaram uma posição radical frente a uma situação social que todos consideravam crítica. A terceira postura proclamava uma mudança radical dentro dos parâmetros constitucionais. Foi esta interpretação a que foi tomada como referência pelos meios de comunicação nas suas mensagens posteriores. Esta também parece a postura tomada inconscientemente pela maior parte da população venezuelana. Provas disto são: 1) a saída constitucional do poder de Carlos Andrés Pérez, julgado pela Assembléia por malversação de bens; 2) a reeleição do próprio Rafael Caldera em 1993; e 3) a vitória eleitoral de Hugo Chávez em 1998.

Sabendo destes acontecimentos, se faz muito claro como os discursos funcionaram como um instrumento político essencial para definir acontecimentos posteriores a curto e longo prazo. A análise intertextual, levada a este caso, nos permite perceber como a atuação midiática, através de uma linguagem audiovisual simples, contribui a dar um sentido aos fatos e a formar identidades que posteriormente definiriam o destinos dos enunciadores e do país. Desta forma se comprova as considerações de Fernando Ruiz dos meios como instituições políticas e como formas de representação política, organizando a esfera pública e

---

<sup>64</sup> CABALLERO, Manuel. *Las crisis de la Venezuela contemporánea*. Monteávila editores. Caracas. 1994.

colocando aos indivíduos públicos obrigados a interagir com o jornalismo e a se comunicar para legitimar a representatividade.

A intervenção midiática acontece, mas não de forma necessariamente consciente ou com características evidentemente intencionais. Apesar de ser associada com a ideologia neoliberal do governo, a mídia não se apresenta como possuidora de um discurso próprio. A presença nas telas tanto de golpistas como de oficiais comprova a opção por fontes diversificadas. A falta de reprodução de determinado material parcial, como seria o caso da fita dos golpista, não é transmitida não por intenção de ocultar ou por algum interesse político, mas por simples incapacidade técnica ou falta do material. No próximo capítulo se estudará um caso em que a intervenção midiática é mais consciente e de possuidora de um discurso próprio.

## 5. 2002

Ao dizer “eventos de abril de 2002”, nos referimos ao conjunto de fatos que aconteceram entre o dia 11, 12 e 13 de abril deste ano. Existem várias versões sobre os eventos destes dias, porém, há alguns fatos importantes que provavelmente não podem ser refutados. Entre eles:

### **Dia 11:**

- Em Caracas, A convocação de uma passeata opositora rumo à sede de PDVSA muda seu destino para o Palácio de Miraflores, sede do poder executivo venezuelano. Se estima que a passeata contasse com uma participação entre 800 mil e um milhão de pessoas. A multidão se dirige ao palácio com a intenção de exigir a renúncia do presidente Hugo Chávez Frias.

- Havia, na frente do Palácio de Miraflores, um grupo de simpatizantes oficiais dispostos a defender a permanência do presidente Chávez. Ao saberem do destino da passeata opositora, o número de simpatizantes foi crescendo e a situação foi ficando tensa e suscetível a explodir em violência em qualquer momento.

- A Polícia Metropolitana de Caracas (PM) e a Guarda Nacional eram os encarregados de manter o ordem público e impedir que as manifestações se misturassem e criaram uma barreira dupla. Há numerosos registros de efetivos de ambas as organizações utilizando a força e disparando como forma de defesa própria e de contenção do caos. A PM é acusada de atacar a passeata oficial e a GN a opositora.

- No meio destes distúrbios, aparece nas telas das emissoras nacionais um pequeno grupo chavista, pertencentes aos Círculos Bolivarianos, disparando de “Puente Llaguno”. A televisão informou que disparavam contra a passeata opositora.

- Todos os grupos declaram a presença de atiradores de elite no lugar onde aconteceram as mortes, mas, apesar das muitas horas de vídeos e das milhares de fotos existentes, não há nenhum registro destas pessoas.

- No momento mais crítico dos distúrbios, o presidente Hugo Chávez decide iniciar uma *cadena nacional*, ocupando todas as emissoras de rádio e televisão. Os meios privados dividem a tela em dois, mostrando também as cenas de violência que acontecem nas ruas de Caracas. O sinal destes canais é cortado por ordem do presidente da República..

- Uma gravação telefônica registra a autorização do presidente da ativação do Plano Ávila, último recurso militar da contenção de ordem pública.



- Aproximadamente 20 pessoas morreram e mais de 100 ficaram feridas por causa dos encontros entre ambos os grupos e entre eles com as forças de segurança.

- Um grupo de militares se declara sublevado frente à autoridade do presidente da república. É levada uma carta com as opções do Alto Mando Militar e o presidente sai do Palácio de Miraflores para Forte Tiuna (principal sede militar de Caracas).

#### **Dia 12:**

- Na madrugada, o então Ministro da Defesa, General Lucas Rincón, anuncia frente às câmeras de televisão a confirmação da renúncia do presidente Chávez.

- O canal Venezolana de Televisión sai do ar devido a uma intervenção organizada pelo governador do Estado Miranda (oposicionista).

- Pedro Carmona Estanga, Presidente de Fedecámaras, é juramentado como Presidente transitório de Venezuela. No ato de proclamação, o governo *in facto* lança um decreto que dissolve a Assembléia Nacional, o Tribunal Supremo de Justiça, o Conselho Nacional Eleitoral e outras instituições.

#### **Dia 13**

- Na manhã houve uma reunião entre Carmona e os donos dos meios privados no Palácio de Miraflores. Alguns afirmam que esta reunião funcionou para organizar a autocensura dos meios de comunicação.

- Frente a novas pressões militares, Pedro Carmona é obrigado a sair do cargo de Presidente.

- Deodado Cabello (vice-presidente do governo Chávez) é juramentado pela Assembléia Nacional como Presidente Provisório, retomando o fio constitucional.

- Hugo Chávez volta ao palácio de Miraflores e à Presidência da República.

### **5.1 Discurso do Presidente Hugo Chávez (divisão das telas).**

*Em qualquer choque histórico entre dois grupos antagônicos, o primeiro frente de batalha não é o físico, matéria, mas o simbólico.<sup>65</sup>*

Como dissemos anteriormente, os meios de comunicação eram possuidores de um discurso próprio que não pode ser resumido em nenhuma declaração específica, mas na criação de um contexto de apóio ou repúdio às políticas do governo. Em abril de 2002 existia um fundo de interesses e ideologias muito mais complexas que no golpe de 1992. Por este

---

<sup>65</sup> VILLEGAS POLJAK. Ernesto. *Abril golpe adentro*. Editorial Galac. Caracas. 2009, pag.59

motivo, apesar da enorme cobertura midiática, os acontecimentos se fizeram muito mais confusos. Construíram-se duas narrativas essencialmente contraditórias: a chavista e a opositora. Desta forma, para analisar os discursos e seus efeitos de uma forma mais histórica e objetiva se faz necessário tentar se posicionar em ambas as perspectivas, tentar transitar entre elas e compreendê-las.

Em horas da tarde do dia 11 de abril, a passeata opositora que decide se dirigir ao palácio de Miraflores é interrompida por efetivos da Guarda Nacional e da Polícia Metropolitana, os quais formaram um cordão de força entre os manifestantes opositores e os chavistas presentes nas proximidades do palácio. Para o momento em que inicia a cadeia presidencial, os grupos (envolvendo também os efetivos de segurança) se enfrentam de forma violenta em diferentes pontos do centro de Caracas.

#### 5.1.1 A batalha da informação.

Um dos acontecimentos mais emblemáticos da tarde do 11 de abril foi a batalha travada entre o governo e os meios de comunicação durante a Cadeia do Presidente Chávez. Os efeitos desta batalha determinarão o fluxo de acontecimentos. A sequência é a seguinte:

1) Numa clara linha editorial opositora, os meios privados (RCTV, Venevisión, Televen y Globovisión) registraram na manhã e na tarde do dia 11, quase exclusivamente a passeata opositora e seus líderes. Enquanto isso, o canal do Estado, Venezolana de Televisión (VTV), faz o mesmo do lado chavista. Esta é só a repetição de uma situação de desequilíbrio informativo que já vinha acontecendo na inúmeras passeatas que aconteceram nos últimos meses no país.

2) No momento em que os distúrbios estão mais tensos no centro da cidade (com os primeiros feridos e mortos aparecendo), o presidente Chávez chama a Cadeia Nacional de Rádio e TV, com o que monopoliza todas as radio transmissões.

3) Os meios privados tomam a decisão de dividir as telas em dois, mostrando de um lado ao presidente da república e do outro os atos de violência na rua. A associação destas imagens relacionam os atos da rua à imagem do presidente, desacreditando seu discurso.

4) Durante a Cadeia, Chávez anuncia que o sinal dos canais privados foi cortada. Desta forma, o único sinal aberto que permanece é o da VTV, o qual transmite integralmente, e sem modificação alguma, o discurso do presidente.

Frente a isto surgem as interpretações. A presença do presidente através de uma cadeia nacional monopolizando a informação foi considerada pela oposição como uma forma

de ocultar aquilo que estava acontecendo nas ruas. Inclusive, alguns opositores mais radicais defendem que Chávez pretendia mascarar uma repressão autorizada por ele. A oposição e os meios de comunicação defendiam o direito à informação sobre o que estava acontecendo nas ruas ao invés de presenciar mais um longo discurso do presidente.

Por sua vez, chavistas acusam aos meios de comunicação privados de golpistas pela atmosfera que criaram ao longo dos dias, e pela ação direta de associar a imagem do presidente com as cenas de violência. Chavistas mais radicais afirmam que estava programada a transmissão de um pronunciamento militar durante a declaração de Chávez, desconhecendo a autoridade do Presidente e deslegitimando totalmente seu poder. Segundo eles, esta ação não foi consumada no tempo certo por problemas técnicos.

Com este exemplo, vemos como abril de 2002 na Venezuela é um claro exemplo de polarização informativa e de como a ideologia influencia na recepção de mensagens dos meios de comunicação. A divisão das telas feita pelos meios durante o discurso de Chávez só pode ser entendida levando em consideração o tenso contexto político-ideológico em que estava inserida a sociedade venezuelana. Os meios e seus trabalhadores se sentiam como legítimos representantes de um setor que não estava sendo levado em conta pelo governo nacional. A maioria dos profissionais certamente acreditava estar cumprindo com sua função de manter a população informada da melhor forma possível. Porém, a linha editorial foi muito clara e algumas afirmações e insinuações, estimuladas pela falta de informação, colocaram o discurso dos meios extremamente parciais.

### 5.1.2 A Linguagem “Ao Vivo”

A possibilidade técnica ou característica linguística que faz a televisão ser o cenário ideal para a notícia é a transmissão ao vivo. A credibilidade do audiovisual unido ao quase imediatismo da informação fazem o meio imbatível em momentos de crise, especialmente aqueles em que as ações estão em pleno desenvolvimento.

A cobertura dada pelos meios de comunicação àquilo que acontecia nas ruas, durante o dia 11, foi quase em sua totalidade transmissão ao vivo. A televisão vinha funcionando já alguns meses como a principal forma de divulgação e convocatória das passeatas oficiais e opositoras. Declarações de cidadãos anônimos, muitas vezes velhinhos, crianças, mães, etc.; convites dos principais líderes políticos; e imagens de milhares de pessoas nas ruas faziam parte das coberturas jornalísticas típicas destas passeatas. As matérias ocasionavam uma

reação de adesão que motivava a outros milhares a se juntarem à concentração. O resultado final eram enormes passeatas promovidas pela cobertura ao vivo dos meios de comunicação.

Desta forma se confirmam os efeitos de virtualidade e interatividade apontados por Barbosa que faz acreditar ao indivíduo, que mesmo à distância, aquilo que observa pode ser objeto de mudança.

Não foram poucas as pessoas que no dia 11 de abril saíram de suas casas convencidas de que esse dia elas conseguiriam exigir a renúncia do presidente e o tirariam do poder. Também não foram poucas as que vendo que a passeata se dirigia a Miraflores, decidiram ir a defender com a vida a permanência de Chávez. Estavam preparadas as condições para que estes grupos se enfrentassem. O resto do país simplesmente aguardava o desenlace em casa, mas se sentindo parte dos acontecimentos.

## 5.2 Discurso do Inspetor e Chefe das FAN, General Lucas Rincón.

*A confrontação tem reflexo na forma em que são chamadas as coisas. Ernesto Villegas*

A divisão das interpretações sobre o 11 e 12 de abril se faz presente no âmbito semântico. Os partidários do governo afirmam que o que aconteceu durante estes dias foi um *golpe de Estado* planejado previamente por dirigentes da oposição; por sua vez, os partidários da oposição afirmam que o que aconteceu na Venezuela nestes dias foi um *vazio de poder* o qual foi assumido pelas Forças Armadas que designaram um presidente substituto. O politólogo venezuelano John Magdaleno discorda com as duas versões, pois ambas ocultam uma parte do quadro inteiro. Magdaleno considera chamar os acontecimentos de *golpe de Estado*, mas admite que este seja um golpe “muito peculiar”.

Penso que não pode ser chamado de forma diferente que golpe de Estado a um processo em que se produz uma transferência de poder por outros meios diversos aos constitucionalmente estabelecidos. Mas, apontar que uma elite conscientemente buscou um confronto violento com os partidários do governo e que além tinha o controle de centenas de milhares de manifestantes é, pelo menos, um exagero.<sup>66</sup>

Para o analista político, aquilo que aconteceu no dia 11 é um fenômeno totalmente diferente ao que aconteceu no dia 12. “Entre o 9 e o 11 de abril eclodiu um processo de de autêntica *desobediência civil* que pouco tem a ver com o *golpe de Estado* que se iniciou na madrugada do dia 12 de abril”.<sup>67</sup>

<sup>66</sup> MAGDALENO, John. Disponível em:

[http://www.pensarenvenezuela.org.ve/publicaciones/john%20magdaleno/J\\_Magdaleno\\_11\\_de\\_abril\\_BBC\\_de\\_Londres\\_Abril\\_2007.pdf.p.1](http://www.pensarenvenezuela.org.ve/publicaciones/john%20magdaleno/J_Magdaleno_11_de_abril_BBC_de_Londres_Abril_2007.pdf.p.1) acessado em: 26/10/2011

<sup>67</sup> Ibid. p.3

Duas circunstâncias enlaçam os acontecimentos de ambos os dias. A primeira é a tentativa do Presidente Chávez de ativar o Plan Ávila, o qual cria fortes discordâncias dentro das Forças Armadas, pois é considerada por muitos militares como uma medida extrema com alto risco em se converter em uma forma de repressão. A segunda é a aparição pública do Inspetor em Chefe da Força Armada Nacional, General em Chefe Lucas Rincón, anunciando a renúncia do Presidente Chávez. Este discurso é peça fundamental para a sequência de acontecimentos do golpe e para sua futura interpretação por parte da história e da população venezuelana. Sentado em meio a outros militares de alta patente, Lucas Rincón se dirige ao país:

"Povo venezuelano, bom dia. Os membros do Alto Comando Militar das Forças Armadas da República Bolivariana da Venezuela rejeitam os lamentáveis acontecimentos que aconteceram na cidade capital no dia de ontem. Diante desses fatos, foi solicitada ao senhor Presidente da República a renúncia do seu cargo, a qual ele aceitou. Os membros do Alto Comando Militar colocamos a partir deste momento nossas vagas à disposição, as quais entregaremos aos oficiais que sejam nomeados pelas novas autoridades".<sup>68</sup>

O discurso de Lucas Rincón demonstrou ser claro e conciso, porém insuficiente. A sociedade estava com uma série de perguntas que precisavam ser esclarecidas pelas pessoas que supostamente sabiam o que estava acontecendo, por exemplo: onde estava o Presidente da República? Por que não aparece na tela explicando os fatos? O que fazer após sua renúncia?

Em nenhum momento do discurso Lucas Rincón explica quais serão os passos a seguir vista a renúncia do presidente. Ele esclarece que haverá novas autoridades, mas não diz quais serão e sobre que princípio legal justificarão sua entrada ao poder. Cresce então a incertidão em todos os setores, elemento que trouxe como consequência decisões apressadas e inapropriadas. A constituição estabelece que quem deve substituir o Presidente da República é o Vice-presidente (para a data, Deodado Cabello), só que, durante os acontecimentos da madrugada do dia 12, não se sabia onde ele estava. Cabello provavelmente se encontrava escondido, protegendo sua vida. Frente à falta de um sucessor para ocupar a presidência da república, é introduzida a tese de vazio de poder e o Alto Mando Militar designa um novo governo formado por líderes da oposição e encabeçado pelo dirigente empresarial e presidente de Fedecamaras, Pedro Carmona Estanga.

Numa entrevista posterior feita pelo canal colombiano TV1, Chávez dará sua versão sobre a questão da renúncia. Segundo o presidente, existiu um momento em que realmente

---

<sup>68</sup> RINCÓN, Lucas. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=44JQ7tBtFKs&feature=related>. Acessado em: 27/09/2011

estava sendo considerada a renúncia, mas para isto ele exigiu quatro condições: 1) Respeito à vida e integridade das pessoas 2) Respeito à constituição (isto é: renúncia formal frente à Assembléia Nacional) 3) Falar à população venezuelana pelo meio televisivo 4) Sair do país em direção a Cuba.

A confusão sobre a renúncia, segundo Chávez, guarda a seguinte sequência: inicialmente os militares sublevados aceitaram as condições pedidas pelo presidente; nesse momento Lucas Rincón liga ao palácio e fala com Chávez quem admite aceitar a renúncia caso se cumpram as condições. Entre dez e vinte minutos depois, aparece a declaração de Rincón na TV anunciando a renúncia do presidente. Pouco tempo depois se sabe que os militares insurrectos não aceitarão as condições, e com isto Chávez não renuncia. A integridade de Lucas Rincón não é questionada por Chávez, pois para o momento em que ele declara em público, a renúncia do presidente era uma certeza.

Analistas apontam que a (in)eficácia parcial do discurso de Lucas Rincón se deve, mais do que à insuficiência informativa da mensagem, à falta de *autoridade* do enunciador. Esta falta de *autoridade* coloca o discurso em imediato questionamento por dois aspectos: a legalidade constitucional e a legitimidade pública, principalmente sobre o olhar dos partidários do presidente. Lucas Rincón, mesmo representando as Forças Armadas Nacionais, não tinha autoridade legal para tomar o lugar do Presidente e decretar sua renúncia. A constituição exige que seja o próprio Presidente da República quem se dirija ao Congresso Nacional e solicite renúncia; caso isto aconteça, esta instituição teria sim autoridade legal suficiente para decretar a renúncia e tomar ações para a sucessão do cargo. Mas, mesmo esta situação tendo acontecido, o discurso continuaria carecendo de autoridade. Na situação de efervescência e polarização política que vivia Venezuela nos últimos meses, e especialmente nas últimas horas, a mensagem “O presidente renunciou” só seria recebido pelos seguidores chavistas como um discurso verdadeiro e legítimo na autoria do próprio Chávez. Todo aquele declarasse a renúncia no seu nome seria chamado de traidor por parte dos seguidores do presidente. Assim o fizeram com Lucas Rincón.

Toda esta situação é levada aos limites pela forte sensação da existência de desequilíbrio informativo nos meios de comunicação. O canal do Estado (Venezolana de Televisão) tinha saído do ar por ordem do governador do Estado Miranda. Os meios privados, após levar uma linha editorial claramente opositora, perderam toda credibilidade para os partidários do governo. Os chavistas sentiam que muita coisa estava sendo ocultada. Só a voz de Chávez conseguiria acalmar a necessidade de respostas.

Então por que não deixar que Chávez se dirigisse ao país e anunciasse sua demissão? Esta, digamos, seria uma solução bastante plausível, pois sabemos que era também uma das condições de Chávez para renunciar. Mas, dentro da oposição existiam opiniões encontradas frente a estas condições. Sobre o respeito à vida todos concordavam; já a renúncia frente à assembléia era uma forma evidente de ganhar tempo, existindo a possibilidade de perder o poder nesta demora. A saída do país resultou bastante polêmica, pois um grupo acreditava que era a forma mais rápida de se livrar do presidente, enquanto outros queriam que Chávez fosse levado a juízo por um tribunal venezuelano. Porém, é na terceira condição que existiu praticamente unanimidade na negação. Ninguém queria a aparição de Chávez nas telas do país, mesmo sabendo que sua renúncia frente às câmeras significaria a saída inevitável do poder.

Não é difícil entender esta posição, ao final, dez anos atrás um Chávez desconhecido e muito menos experiente politicamente já tinha demonstrado o poder e a imprevisibilidade da recepção popular de discursos televisivos em situações parecidas.

Do ponto de vista do discurso é necessário destacar um último outro elemento. A mensagem clara e sucinta de Lucas Rincón, repetida pelos meios, originou duas linhas interpretativas sobre o que aconteceu na Venezuela em abril de 2002. Isto nos demonstra mais uma vez a autonomia do receptor na interpretação dos textos jornalísticos, confirmando a concepção atual de uma comunicação que não privilegia nenhum pólo, mas explora a mensagem através da interseção e das múltiplas interpretações.

### **5.3 Discurso do Presidente *in facto* Pedro Carmona Estanga**

“Como sistema de comunicação, os meios de massa são instrumentos que têm o poder de influenciar, mas também refletem as intenções e contradições de outras instituições e da própria mídia”.<sup>69</sup>

. Para muitos a pose e auto-juramentação de Pedro Carmona Estanga é o momento em que o jogo começa a virar contra a oposição e possibilita a volta do presidente Chávez. O evento tem todas as características de um espetáculo político. Diferentes líderes empresariais e da oposição estavam presentes comemorando a saída do Presidente Chávez. Tudo parecia ter dado certo e existiam razões para comemorar: apesar da existência de um forte debate no interior das Forças Armadas, o Alto Mando e os principais generais apoiavam a saída de Hugo Chávez e foram eles mesmo quem escolheram a Carmona como presidente *in facto*. Só

---

<sup>69</sup> BARBOSA, Marialva. Op.cit, pag.24

no Estado Aragua, o Batalhão de Pára-quedistas dirigidos pelo General Baduel se declarou sublevado contra o novo governo. A população venezuelana durante o dia 12, fora alguns focos específicos, aceitava a situação da renúncia e a formação de um novo governo. Além disso, o Governo *de facto* já tinha sido reconhecido internacionalmente pela União Europeia e os EUA. O evento estaria destinado a ser o ato de consolidação do novo governo, porém, foi durante esta comemoração que se viu evidente o seu caráter inconstitucional, provocando rupturas entre as principais lideranças militares e os líderes de oposição.

A juramentação de Carmona foi totalmente atípica na história política da Venezuela. A cerimônia tradicional se realiza na sede da Assembléia Nacional, onde o ex-presidente transfere a faixa ao novo presidente eleito, este por sua vez jura com a mão direita na Constituição Nacional que é sustentado pelo Presidente da Assembléia. Carmona é o único presidente que se juramentou ante si mesmo e com a mão direita no ar e a esquerda segurando o papel, do qual leu:

"Eu, Pedro Carmona, na minha qualidade de Presidente da República da Venezuela, juro ante Deus Todo-Poderoso, ante o país e ante todos os venezuelanos, restaurar a efetiva aplicação da Constituição da República da Venezuela de 1999, como norma fundamental de nosso sistema jurídico e restaurar o Estado de Direito, a governança e a garantia do exercício das liberdades civis, bem como o respeito pela vida, justiça, igualdade, solidariedade e responsabilidade social." <sup>70</sup>

A imagem da auto-juramentação certamente produziu um estranhamento a todos os tele-espectadores acostumados com a cerimônia tradicional, mas a razão principal para o demérito do novo governo foi o chamado "*decreto*", escrito por Carmona e seus assessores e lido na mesmo evento por um advogado constitucionalista, desconhecido até os momentos, de nome Daniel Romero. Entre outras coisas foi decretado:

"... Restaura-se o nome de República da Venezuela com o qual continuará a ser identificada nossa pátria a partir deste momento... São suspensos dos seus postos os deputados principais e suplentes da Assembléia Nacional... O Presidente da República, em conselho de Ministros, poderá remover e nomear temporariamente os titulares de instuições de poderes públicos nacionais, estaduais e municipais... Se destituem das suas funções, ilegalmente ocupadas, ao Presidente e outros juizes do Tribunal Supremo de Justiça, Ao Procurador Geral da República, ao Controlador Geral, ao Defender do Povo e aos membros do Conselho Nacional Eleitoral..." <sup>71</sup>

O decreto se apresentou como uma enorme contradição do governo de Carmona que supostamente estaria liberando ao país do autoritarismo chavista. O perfil de Carmona o levou a ser escolhido pelo Alto Mando Militar por ser considerado um homem inteligente e

<sup>70</sup> CARMONA, Pedro. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Dn7ijF8vKPU> Acessado em: 19/10/2011

<sup>71</sup> ROMERO, Daniel. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Dn7ijF8vKPU> Acessado em: 19/10/2011



moderado que não cairia em extremismo. A dissolução da Assembléia e o poder de nomear prefeitos e governadores, não era mais do que concentrar de forma absurda e evidente todos os poderes nas mãos de uma pessoa só. Por primeira vez muitos puderam perceber que se encontravam frente a uma situação completamente anticonstitucional. Para os que estavam na dúvida entre apoiar o novo governo ou não, o decreto foi um elemento decisivo para determinar, que apesar das grandes falhas democráticas do governo Chávez, o novo governo se apresentava ainda menos democrático.

Unido a isso estava a forma em que os discursos foram apresentados. O salão Ayacucho do Palácio de Miraflores estava abarrotado de partidários opositores. A euforia dominava o ambiente inclusive antes da cerimônia. Os presentes se abraçavam e conversavam enquanto esperavam a chegada do novo presidente. Enquanto isso, os meios transmitem e se posicionam para a cobertura integral do evento. Carmona se juramentaria frente à televisão e foi considerado que isto teria um efeito legitimador superior a que se o fizesse frente à Assembléia Nacional.

Não é exagerado afirmar que o evento se tratava de uma representação; um espetáculo político dirigido aos meios de comunicação. A cada momento importante do decreto, o público se levantava e aplaudia enquanto que Daniel Romero fazia uma pausa e sorria levemente contagiado do entusiasmo dos presentes. Carmona recebeu parabéns e abraços dos assinantes do decreto. Posteriormente foram lançados por parte dos presentes gritos e músicas em apoio ao novo governo. Essa alegria transmitida pelos meios certamente teve uma conotação ofensiva para aqueles que apoiavam o presidente Chávez. Na noite do dia 12 começam em Caracas as principais protestas populares que buscaram reivindicar os direitos de Hugo Chávez à presidência da República.

As características do evento de juramentação de Pedro Carmona Estanga nos permite qualificá-lo como um acontecimento midiático, isto é, preparado para ter uma repercussão pública de grande impacto. Este tipo de cobertura, segundo Beatriz Becker, atraem as maiores audiências da história da televisão

Esses acontecimentos caracterizam-se por serem transmitidos por grupos ou indivíduos heróicos, que lhes conferem um significado dramático ou ritual. Produzem efeitos sociais que tornam a assistência obrigatória, permitindo reforçar consensos, mas também ultrapassar crises e, portanto, gerar transformações sociais. Podem ser estudados através de três conceitos importantes: a competição, a celebração e a conquista.<sup>72</sup>

---

<sup>72</sup> BECKER, Beatriz. Op cit. p.22-23

Os conceitos que melhor se encaixariam ao caso seriam o de celebração e conquista. Mas é evidente que existem elementos de maior profundidade do que a simples celebração, pois a ato também cumpria com a função política de afirmar a saída de Chávez e demonstrar o controle da situação do novo governo. O efeito, ironicamente, foi o contrário do esperado: ao invés de legitimar, o evento evidenciou o caráter inconstitucional do novo governo bem como acelerou o desconhecimento por parte importante da FAN, promovendo sua queda.

Desta forma, esta transmissão é um claro exemplo de reações inesperadas provocadas pelos meios de comunicação e demonstra suas limitações como ator político. Os meios não conseguiram legitimar o governo de Carmona; o sentido que eles deram aos acontecimentos, mesmo sendo monopolizado, não conseguiu justificar o atropelo da constituição e os agentes políticos tradicionais, no caso os militares, se impuseram, trazendo de volta a Hugo Chávez.

#### **5.4 Consequências políticas**

O politólogo venezuelano, John Magdaleno, no seu artigo “11 de abril: Un hito histórico de la fractura social venezolana” defende que este dia é um autêntico divisor de águas da contemporaneidade venezuelana e que, de ali em diante, se configura no país uma fratura social significativa. “É o que se conhece como um *cleavage*, onde determinado conflito reforça as divisões existentes, ou ainda, polariza a cidadania.”<sup>73</sup>

Segundo Magdaleno, se percebe em Venezuela uma clara radicalização dos discursos após os eventos de abril de 2002. As 19 mortes que aconteceram o dia 11 nas ruas de Caracas são consideradas responsabilidade do grupo contrário.

Alguns documentários, feitos posteriormente, favoráveis ao governo Chávez como “La Revolución no será televisionada”, construíram uma linha narrativa que culpa aos dirigentes de oposição, à Polícia Metropolitana (PM) e aos meios de comunicação como os responsáveis das mortes do dia 11, enquanto que os meios de comunicação privados culpam a partidários chavistas membros dos chamados “círculos bolivarianos”, que foram filmados atirando desde a Ponte Llaguno. Magdaleno explica as dificuldades de conhecer as verdades do 11 de abril.

“A batalha de opinião pública e a comunicação política que se desenvolve em Venezuela entre o governo e a oposição impede interpretar com maior objetividade os acontecimentos. Primeiro porque, trata-se de um evento que polariza à sociedade entre “uns” e “outros”, e que exerce uma grande influência sobre as principais percepções dos cidadãos em torno ao público e às forças de choque; segundo, porque toca atitudes e valores preexistentes, inclusive, poderia se disser que até prefigura novos, cujo impacto final são alinhamentos políticos e partidistas”.

---

<sup>73</sup> MAGDALENO, John. Op. cit. p.2

Ao referir-se às “atitudes e valores preexistentes” que impedem interpretar com objetividade, o politólogo nos aponta o papel da ideologia na formação de discursos. Uma abordagem imparcial e objetiva é impossível quando as próprias percepções já estão previamente distorcidas. O historiador francês Jaques Le Goff nos propõe reconhecer em todo documento um monumento, isto é, em todo registro histórico que se titula como “objetivo”, um ato de poder, uma intencionalidade de perpetuação de certa visão do passado.<sup>74</sup> Devemos considerar que aquilo que chega até em nossas mãos, seja uma imagem, um livro ou um discurso, só chegou por causa do desejo de algum ou alguns em perpetuar uma visão. É o caso do que aconteceu em abril de 2002. O historiador deve então, descobrir as intencionalidades discursivas para poder garantir uma abordagem menos distorcida dos fatos.

---

<sup>74</sup> LE GOFF, Jaques. História e memória. Campinas Editora Unicamp, 1994.

## 6. CONCLUSÕES

Após a abordagem conceitual da relação entre mídia e política e o estudo de caso dos (seis) discursos televisivos (transmitidos durante as tentativas de golpes de Estado de 1992 e 2002 na Venezuela) e seus contextos, constatam-se duas linhas conclusivas: a primeira apontando algumas características que determinaram o poder político dos discursos televisivos; e a segunda apresentando as mudanças históricas da relação mídia/poder.

### 6.1 Sobre as características políticas dos discursos televisivos:

Em todos os discursos analisados, é possível confirmar como os meios de comunicação ultrapassaram a vocação de narrar, passando a integrar os acontecimentos e influenciando o desenvolvimento das tentativas de golpes de Estado de 1992 e de 2002. Mais do que uma reprodução ou explicação sobre o que aconteceu, os discursos televisivos representaram, em ambos os momentos, uma ação política com consequências reais no fluxo de eventos históricos a curto, médio e longo prazo. As razões que explicam esse potencial político e catalisador dos discursos estão enraizadas em elementos típicos da linguagem televisiva como o uso da imagem, a montagem e a construção temporal no tempo presente. Estes elementos possibilitam a construção de narrativas verossímeis que ganham o papel de representação da realidade.

Constata-se, por exemplo, que a possibilidade técnica da transmissão ao vivo se transformou, de forma efetiva, em instrumento modificador das formas de lidar com o espaço e o tempo, dando origem, nos espectadores, à sensação de poder interferir nos acontecimentos, possibilitando aos agentes adotar ações imediatas. Confirma-se, assim, a observação de Marialva Barbosa<sup>75</sup> sobre a forma atual em que a mídia produz efeitos discursivos, fazendo vivenciar um presente construído na interatividade virtual.

Pelos discursos terem estado inseridos de forma tão profunda no contexto da crise política, seu potencial político e histórico aumentou. Nesse tipo de situação, a notícia é dada enquanto se desenvolve. Os discursos cumprem a função de dar sentido aos acontecimentos, seja para afirmar ou negar a crise, justificá-la, apresentar a posição dos seus protagonistas ou declarar a vitória e derrota dos agentes envolvidos. A forma como o próprio Estado se

---

<sup>75</sup> BARBOSA, Marialva. “Meios de comunicação, memória e tempo: A construção da ‘Redescoberta’ do Brasil”. Em: *Mídia, memória e celebridades*. Michael Herschmann e Carlos Alberto Messeder. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

relaciona com os meios, procurando-os ou censurando-os durante ambos os golpes, demonstra que a mídia teve, nesses momentos, um papel central na construção de uma narrativa e de um sentido.

Assim, todos os discursos se constituem como fatos históricos, estabelecendo inúmeras relações com outros eventos, considerados num encadeamento causal, e só podendo tornar-se inteligíveis em um contexto amplo de tempo. Esses fatos, porém, possuem qualidades subjetivas, que deixam espaço a diferentes possibilidades interpretativas. Como todo documento histórico, suas interpretações e repercussões estão sujeitas ao tempo.

A descrição dos discursos dada por Foucault<sup>76</sup>, que os define como “um jogo estratégico e polêmico pelo qual se constituem os saberes de um momento histórico”, se faz muito pertinente aos casos estudados. Podemos observar, nas tentativas de golpe de Estado, que os discursos se encontram em conflito, pois todos se pretendem donos de uma verdade e portadores de um sentido. Quando existem várias vozes se contrapondo umas às outras, há uma polêmica. Frente a esta situação, as possibilidades de interpretação, ou as leituras possíveis, como diria Becker<sup>77</sup>, expandem-se e o papel do receptor ganha valor, passando a ser o elemento que constitui o significado dos discursos. O espectador não considera cada mensagem de forma independente; ele as relaciona entre si para formar um sentido único sobre a situação. Os saberes se constituem através de uma interpretação intertextual das informações.

O conjunto de discursos de 1992 se apresenta como um claro exemplo deste processo de re-significações que a intertextualidade promove. Como pode ser observado, se não fosse pela aparição do líder dos golpistas na tela, é provável que o discurso do presidente Pérez não tivesse uma conotação débil, desgastada e sem autoridade. A não ser pela declaração de Caldera, talvez as percepções antagônicas entre golpistas e oficiais fossem muito mais radicais e a visão de uma solução democrática seria menos viável.

Como apontado por Lene Hansen<sup>78</sup>, a intertextualidade promove também o processo de identificação através de mecanismos de afinidade e diferenciação. Aqueles muitos que estavam descontentes com o governo de Carlos Andrés Pérez encontraram na figura e nas

---

<sup>76</sup> FOUCAULT, Michel. *La arqueología del saber*. 18va Edición. Siglo XXI. Méjico. 1997.

<sup>77</sup> BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Brasil*. E-paper. Rio de Janeiro. 2005.

<sup>78</sup> HANSEN, Lene. *Security as practice: discourse analysis and the bosnian war*. Nova York: Routledge, 2006.

palavras do tenente Chávez uma possibilidade de algo diferente, a esperança de uma mudança.

A linguagem televisiva, mais do que qualquer outro sistema de mediação, está fortemente envolvida com uma forma de produção de sentido baseado na intertextualidade de vozes e rostos. As matérias dos telejornais, por exemplo, geralmente oferecem um conjunto de entrevistas montadas com imagens e dados. Essa montagem costuma usar diversas fontes, que, posteriormente, são comparadas pelo espectador na criação de um sentido único e próprio. Tal forma de fazer notícia é também uma das bases técnico-teóricas que justifica a aparente imparcialidade do jornalismo e o legitima como o principal enunciador de sentidos da sociedade contemporânea.

## **6.2 Sobre as mudanças na relação entre mídia e política.**

Através dos discursos apresentados, sua análise intertextual e sua devida contextualização histórica, também é possível constatar claras diferenças na relação entre os meios de comunicação e o poder político em 1992 e 2002. Essas diferenças exemplificam a crescente influência da televisão e o surgimento de uma nova percepção dominante dos políticos sobre os meios de comunicação, fenômeno estudado por Fernando Ruiz no seu texto “Fronteras móviles”.

Ruiz define os meios de comunicação como instituições políticas, pois organizam a esfera pública. Nesse sentido, a atuação midiática em ambas as datas não difere consideravelmente. Em ambos os momentos, os meios construíram o sentido daquilo que acontecia na sociedade. A segunda definição é que os meios são formas de representação política e a legitimidade dessa representação se dá através da comunicação, sendo que os meios podem também usar mecanismos para uma auto-representação. Nesse último elemento diferem as coberturas discursivas das tentativas de golpe de Estado estudadas.

Apesar de a interferência televisiva ser intrínseca, pois forma parte uma linguagem, no conjunto de discursos de 1992 percebemos que existe uma intenção de equilíbrio informativo superior à de 2002. Essa situação permite afirmar que aquilo que os meios tentavam reproduzir era a representação dos agentes políticos em disputa. Em 2002, como fica claro na disputa analisada na Cadeia do Presidente Chávez, os meios de comunicação tentam impor sua palavra frente à do presidente da República, em uma clara ação de auto-representatividade.

Além disso, a ida do presidente Pérez aos estúdios de Venevisión sugere que os políticos venezuelanos dependem, em certa medida, da capacidade da televisão privada de legitimar seu poder e sua representatividade. Essa dependência também explicita também uma relação de mútua confiança entre os meios e o poder político vigente, enquanto que, na cadeia de televisão do presidente Chávez, o poder político foi usado para impor tecnologicamente a transmissão do discurso. Isso demonstra não só uma independência do governo em relação à representatividade pública, mas também a falta de confiança e de diálogo entre o governo e os meios privados, característica apontada por Ruiz como comum entre os governos da América Latina.

Os indicadores propostos por Fernando Ruiz para medir os efeitos democráticos podem ser usados para realizar uma comparação que permita compreender um pouco melhor as diferenças das relações entre mídia e poder político na Venezuela em 1992 e 2002. Esses indicadores são: (a) A amplitude do arco de vozes; (b) A capacidade de crítica a todos os poderes; e (c) O fortalecimento da base informativa comum.

Em referência à amplitude de vozes, percebe-se que os discursos realizados em 4 de fevereiro de 1992 apresentam, respectivamente: um discurso oficial, realizado pelo próprio Chefe de Estado; um discurso opositor, na declaração de derrota do líder golpista; e um discurso que pode ser considerado intermediário ou problematizador, na alocução do ex-presidente Caldera. Dessa maneira, as principais posturas políticas se fazem representadas.

Já os acontecimentos de 2002 apresentam uma situação diferente, marcada pela batalha, travada entre o governo e os meios privados, para monopolizar os discursos, diminuindo o arco de vozes. Como é observado, a cadeia presidencial do presidente Chávez monopolizou, temporariamente, as telas de televisão, mas a divisão realizada pelos meios privados acabou impondo a visão opositora, que, com o encerramento das transmissões do canal oficial VTV, virou a única perspectiva na mídia nacional. O discurso de Lucas Rincón apresenta a posição oficial, mas seus buracos informativos são aproveitados pela mídia opositora para declarar a saída do poder de Chávez. O ato de juramentação de Carmona Estanga apresenta a tentativa de legitimar os líderes do golpe através de um evento midiático de grande repercussão.

Nesse mesmo sentido, a capacidade crítica de todos os poderes, apresentada pelos discursos de 1992 é, inquestionavelmente, maior do que a de 2002. O discurso de Rafael Caldera frente ao Congresso é, substancialmente, uma crítica à forma como vem sendo

exercido o poder político até o momento, bem como às tentativas antidemocráticas do golpe de tomar o poder a força; Caldera realiza inclusive uma forte autocrítica. Já o bloco de discursos de 2002 não apresenta nenhuma perspectiva crítica nem às formas de poder nem aos acontecimentos do dia.

Por último, o fortalecimento da base informativa comum, que evitaria a polaridade política, se apresenta, evidentemente, muito mais deficiente nos discursos de 2002, tomando em consideração a disputa pelo monopólio informativo, vencida pelos meios privados de televisão. A polaridade, como já visto, é uma das características mais marcantes das interpretações sobre os fatos de abril de 2002.

Através desses discursos, pode-se observar que a relação entre mídia e poder político em 1992 produzia maiores efeitos democráticos do que a relação desses mesmos agentes em 2002. Isso leva a afirmar que as percepções de Fernando Ruiz sobre as mudanças recentes na forma em que se dá a relação mídia/poder na América Latina são pertinentes ao caso venezuelano.

Os acontecimentos do 11 de abril de 2002, estudados na cadeia do presidente Hugo Chávez, são um claro exemplo da forma em que se apresenta essa relação segundo algumas características apresentadas por Ruiz. A Cadeia do Presidente Chávez e o posterior fechamento do sinal dos meios de comunicação privados é uma situação-limite que sintetiza de forma simbólica as três estratégias que, segundo Ruiz, os governos atuais utilizam para diminuir a influência da mídia: a estigmatização dos meios como atores político/econômicos, a aplicação e/ou reforma regulatória e o desenvolvimento de uma comunicação direta.

O que o governo de Chávez provavelmente não esperava era uma reação de força similar ou superior por parte dos meios de comunicação para aumentar a voz opositora e diminuir o poder político vigente. Em abril de 2002, através de uma série de discursos unidos a um amplo material de violência nas ruas, as emissoras privadas e seu poder simbólico construíram uma representação dos acontecimentos que, mesmo por pouco tempo, justificou a saída do presidente Chávez do poder e tentou legitimar a instalação de um novo governo, demonstrando assim seu enorme potencial político. Acontecimentos advindos do rápido desgaste da relação entre mídia e poder, repercutindo diretamente nas características de representação democrática da Venezuela.



### **6.3 Considerações Finais**

Quando se estuda a Comunicação Social, é comum ouvir falar sobre o poder da mídia e sua tendência a monopolizar discursos. Porém, existem poucas análises que mostrem formas da influência midiática realmente alterando o rumo dos acontecimentos, mudando percepções e determinando momentos históricos. No presente trabalho, pretendeu-se avançar rumo a um entendimento mais abrangente da atuação dos meios de comunicação por meio da contextualização histórica de discursos.. Considera-se que outras técnicas metodológicas possam ser usadas em futuras abordagens para aprofundar mais esta compreensão, entre elas sugere-se: entrevistas com os agentes políticos envolvidos e com jornalistas que participaram da cobertura; pesquisas de campo relacionadas às formas de recepção e à memória; e análises do conjunto de conteúdos transmitidos por determinada emissora durante a cobertura de determinado evento.

Tanto fevereiro de 1992 quanto abril de 2002 significaram para Venezuela momentos históricos de quebra. O golpe de 92 foi o momento em que a sociedade venezuelana, seus líderes políticos e os meios acordaram para as necessidades representativas dos setores menos favorecidos. A democracia como vinha sendo desenvolvida tinha que mudar e se dirigir a todos os venezuelanos. Em abril de 2002, os discursos políticos, que já estavam bastante radicalizados, encontraram motivos para a completa polarização. Após esses dias, a divisão dos grupos sociais e políticos na Venezuela se faz explícita e os discursos assim como as políticas públicas são construídas em torno de posições político-ideológicas. A verdade histórica e as ações políticas são frequentemente interpretadas através de conceitos e idéias antagônicos, criando um círculo vicioso em que a reconciliação entre as partes da sociedade fica cada vez mais distante. No entanto, a identificação dessa dinâmica se apresenta como um primeiro passo para repensar formas não excludentes de interpretação.

Neste trabalho sugere-se que entender a forma como é reproduzido o real através dos meios é um forte indicador da relação entre mídia e poder, que, por sua vez, é uma relação essencial para definir as características democráticas ou autoritárias dos governos. Com o surgimento de uma nova relação entre meios e poder político na Venezuela e na América Latina, cabe à sociedade qualificar se esse relacionamento tem dado origem a maiores ou menores efeitos democráticos. A reação do cidadão comum é essencial para essa compreensão. Hoje em dia, na Venezuela, por causa de uma clara polarização política, o cidadão tende a fugir e se desconectar das informações midiáticas. A cidadania manifesta

hostilidade contra os meios em geral, e surgem novas formas de comunicação, como a internet e o celular, que parecem se conectar mais com as necessidades dos cidadão. Os indicadores apontados por Fernando Ruiz podem também ser a base para uma pesquisa de campo que ajude a compreender melhor todo o sistema de meios da América Latina e a forma como as pessoas se relacionam com eles. Há a convicção de que a compreensão das relações entre mídia e poder político pode ajudar à melhor compreensão da sociedade e do outro, traçando talvez o caminho em direção a uma sociedade mais justa.

## 7. REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. 1987

BARBOSA, Marialva. “Meios de comunicação, memória e tempo: A construção da ‘Redescoberta’ do Brasil”. Em: *Mídia, memória e celebridades*. Michael Herschmann e Carlos Alberto Messeder. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Brasil*. E-paper. Rio de Janeiro. 2005.

CABALLERO, Manuel. *Las crisis de la Venezuela contemporânea*. Monteávila editores. Caracas. 1994.

CAMILO, Jairo. *O jornal e a prisão*. Disponível em:  
[http://www.facasper.com.br/rep\\_arquivos/2010/02/01/1265051220.pdf](http://www.facasper.com.br/rep_arquivos/2010/02/01/1265051220.pdf) Acessado em: 08/10/2011

FOUCAULT, Michel. *La arqueologia del saber*. 18va Edición. Siglo XXI. Méjico. 1997.

GAUDARETO, Fernando; MAPA, Ramon. “Foucault, o Método Histórico-Filosófico de Pesquisa”. *Revista de Teoria da História* Ano 1, Número 3, junho/ 2010. Universidade Federal de Goiás. Disponível em:  
[http://extras.ufg.br/uploads/114/original\\_ARTIGO\\_\\_LAMAS\\_E\\_SILVA.pdf](http://extras.ufg.br/uploads/114/original_ARTIGO__LAMAS_E_SILVA.pdf) Acessado em: 13/10/2011

GOULART, Ana Paula. “A mídia e o lugar da história”. em: *Mídia, memória e celebridades*. Michael Herschmann e Carlos Alberto Messeder. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

HANSEN, Lene. *Security as practice: discourse analysis and the bosnian war*. Nova York: Routledghe, 2006.

HERSCHMANN e MESSENDER. “Mídia, memória e celebridades”. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

KRAUZE, Enrique. *El poder y el Delirio*. Barcelona: Tusquets. 2008. p.90. Tradução livre.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas Editora Unicamp, 1994.

LUTTWAKK, Edward. *El Golpe de Estado, Manual Práctico*. Editorial Paz e Terra. São Paulo. 1991.

MAGDALENO, John. “11 de abril de 2002: Un hito histórico de la fractura social venezolana”. Disponível em:  
[http://www.pensarenvenezuela.org.ve/publicaciones/john%20magdaleno/J\\_Magdaleno\\_11\\_d\\_e\\_abril\\_BBC\\_de\\_Londres\\_Abril\\_2007.pdf](http://www.pensarenvenezuela.org.ve/publicaciones/john%20magdaleno/J_Magdaleno_11_d_e_abril_BBC_de_Londres_Abril_2007.pdf) p.1. acessado em: 06/11/2011

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1994. (Texto original publicado em 1945)

NAIM, Moisés. *Paper, Tigers and Minotaurs: The Politics of Venezuela's Economic Reforms*. Ed. Canergie Endowment Books, USA, 1993.

RINCÓN, Omar. “Por que nos odian tanto?”. Centro de Competencia en Comunicación para América Latina. Bogotá, 2010.

RUIZ, Fernando. “Fronteras Móviles: caos y control en la relación entre medios y políticos em América Latina”. em: *Poder Político e Medios de Comunicación*. Sojj.B. SIGLO XXI EDITORA IBEROAMERICANA S.A. Buenos Aires, 2010.

VILLEGAS POLJAK. Ernesto. *Abril golpe adentro*. Editorial Galac. Caracas. 2009

TARRE BRICEÑO, Gustavo. *4F, El espejo roto*. Editorial Libros Marcados. Caracas, 2007.